BIBLIOTECA de CULTURA SCIENTIFICA
Dirigida pelo Prof. AFRANIO PEIXOTO

SOCIOLOGIA - POLITICA

PROF. S. FREUD

O FUTURO DE UMA ILLUSÃO

PSICANALISE DAS RELIGIÕES

EDITORA GUANABARA

O Futuro de uma Ilusão

BIBLIOTECA DE CULTURA CIENTIFICA
DIRIGIDA PELO PROF. AFRANIO PEIXOTO

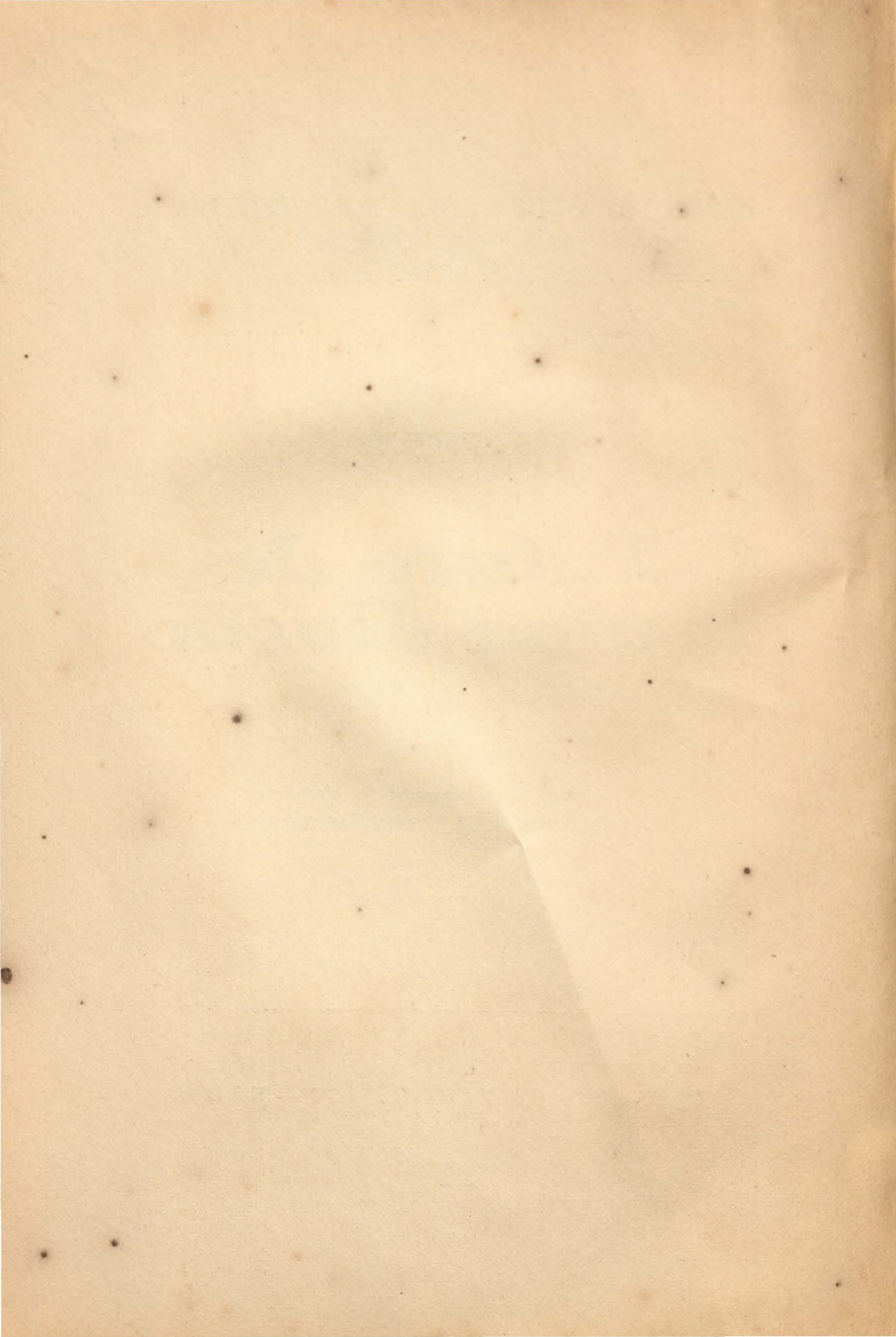
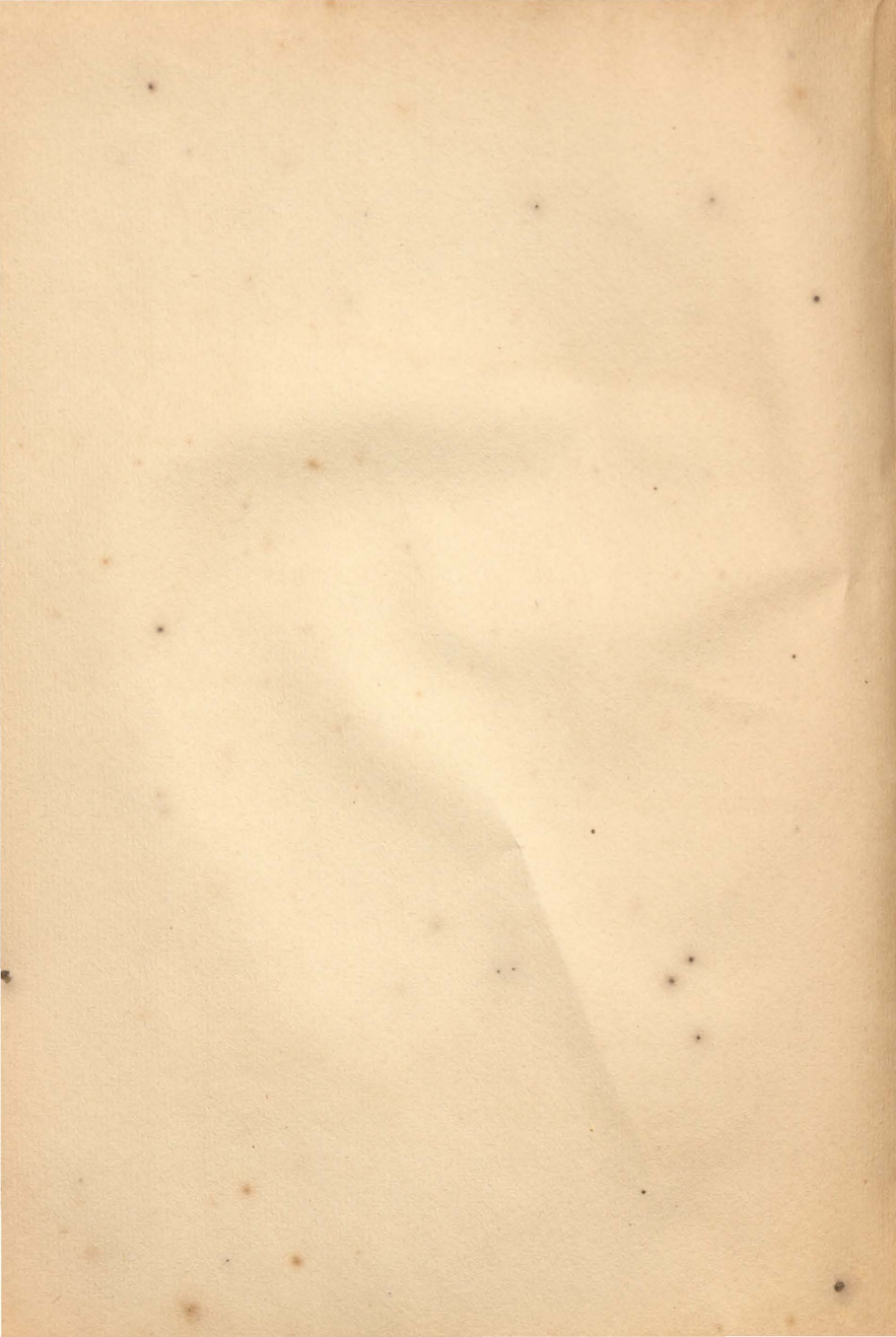
SOCIOLOGIA — POLITICA

S. FREUD

O Futuro de uma Ilusão

(*Psicanalise das Religiões*)

Traduzido diretamente do alemão
pelo PROF. J. P. PORTO-CARRERO

EDITORA GUANABARA
WAISSMAN, KOOGAN, LTDA.
RUA DO OUVIDOR, 132 — RIO
1934

I

Quem viveu largo tempo dentro de determinada civilização e se esforçou bastas vezes na pesquiza das origens dela e dos trâmites do seu desenvolvimento, sente-se tentado tambem a voltar o olhar para outras direções e a propor a questão de qual seja o destino remoto que aguarde a essa civilização e que transformações será ela determinada a sofrer. Em breve notará, porém, que tal tentativa virá a ser préviamente depreciada por varias circunstancias; é que, antes de mais nada, ha poucas pessoas que possam ter uma vista de conjunto do mecanismo

humano em toda a sua extensão. Para a maior parte, tornou-se necessario o restringir-se a um unico departamento, ou a poucos, do conhecimento; quanto menos, porém, se conhece do passado e do presente, tanto menos seguro vem a ser o seu juizo sobre o futuro. Dá-se, ainda mais, que exatamente por esse juizo, as esperanças subjetivas do individuo representam valor de dificil avaliação; mostram-se elas, porém, na dependencia de fatores meramente pessoais da experiencia individual, da atitude mais ou menos esperançosa ante a vida, tais como lhes permitem o temperamento, o bom exito ou o fracasso. Por fim, ainda entra em causa o fato digno de nota, de que o homem, em geral, vive como que ingenuamente o seu presente, sem poder ligar o devido valor ao conteúdo da sua época; é preciso primeiro ganhar distancia, isto é, que o presente se transforme em passado, para que se possa ter um ponto de partida para julgar do futuro.

Quem quer, pois, que ceda ao desejo de lançar uma opinião sobre o futuro verossimil da nossa civilização, fará bem em lembrar-se dos conceitos acima apontados, assim como da incerteza que, de modo geral, é inerente a qualquer predição. Daí se segue, quanto a mim, que, fugindo á demasiada grandeza da tarefa, apenas pesquize o pequeno trecho que até hoje tem merecido a minha atenção — e por isso que apenas pude determinar-lhe a posição, no grande todo.

A cultura humana — e com isso exprimo tudo com que a vida humana se tem elevado açima das suas condições animais e com que se distingue da vida dos animais, desprezando eu a diferença entre cultura e civilização — mostra notoriamente duas faces, ao observador. Abrange, de um lado, todo o saber e poder que o homem conquistou, para dominar as forças da natureza e aproveitar-lhe os dons para satisfação das necessidades humanas; e por outro lado, to-

das as normas necessarias para regular as relações dos homens entre si e particularmente a repartição dos dons accessiveis. Essas duas diretivas da cultura não são independentes, uma da outra; primeiro, porque as relações reciprocas dos individuos sofrem a influencia profunda da quantidade de satisfação dos impulsos compativel com os dons existentes; segundo, porque cada individuo pode entrar em relação com outro, a respeito de um dom, desde que esse outro lhe utilize a força de trabalho ou o tome como objeto sexual; terceiro, porque, no entanto, cada individuo é virtualmente um inimigo da cultura, embora seja esta um interesse da comunhão humana. E' digno de nota que os homens, por menos que possam existir em isolamento, sintam, contudo, como demasiado pesado o sacrificio que a cultura lhes exige, para tornar possivel uma vida em comum. A cultura tem, assim, de ser defendida contra o individuo; e as suas normas, instituições e

mandamentos se colocam ao serviço desta tarefa; tem eles por fim, não apenas estabelecer certa repartição de dons, mas tambem conserva-la; eles devem proteger, contra as tendencias hostís do homem, tudo quanto serve para dominar a natureza e para a aquisição de dons. As criações humanas são de facil destruição; a ciencia e a técnica que as construiram podem ser aplicadas tambem no seu aniquilamento.

Colhe-se, assim, a impressão de que a civilização é algo de imposto a uma maioria, que resiste, por uma minoria que entendeu apoderar-se dos meios de poder e coação. Decorre daí, naturalmente, que essas dificuldades não se prendem á propria essencia da civilização, mas que são condicionadas pela imperfeição das formas de cultura que até hoje se têm desenvolvido. De fato, não é dificil apontar essas falhas. Enquanto a humanidade tem feito progressos continuos no dominio sobre a natureza — e ainda deve

espera-los maiores — não se pode evidenciar progresso semelhante no regular as relações humanas e é de crer que em cada época, tal como ainda agora, muitos homens tenham perguntado a si mesmos se, de maneira geral, é digna de defesa essa parte das conquistas da civilização. Dir-se-ia que devera ser possivel, para regular as relações humanas, um novo regime, que evitasse as fontes de insatisfação da civilização, renunciando á coação e á repressão dos impulsos, de maneira que os homens pudessem, sem a turbação dos conflitos intimos, dedicar-se á conquista dos dons e ao seu gozo. Seria a Idade de Ouro; apenas resta saber se tal condição é realizavel. Antes, parece que toda civilização tenha de ser construida sobre a coação e a repressão dos impulsos; nada nos faz crer que a maioria dos individuos humanos esteja acaso apta, quando cessada a coação, a tomar a si a atividade do trabalho, necessaria á aquisição de novos dons vitais.

Deve-se contar, penso eu, com o fato de que em todos os homens ha tendencias destrutivas e, portanto anti-sociais e anti-culturais, que em grande numero deles são bastante fortes para determinar-lhes o comportamento na sociedade humana.

A esse fato psicológico corresponde um conceito decisivo para o juizo sobre a cultura humana. Poder-se-ia acrecentar que o essencial, na civilização, é o dominio sobre a natureza para a aquisição dos dons vitais e que os perigos que a ameaçam ficam removidos por uma distribuição conveniente desses dons entre os homens; e assim a pesada carga do material se acha desviada para o psíquico. Será decisivo resolver se e em que extensão é permitido restringir a carga de sacrificios de impulsos imposta ao homem, conciliando-o com o que de tais sacrificios deva restar e operando uma compensação, para isso. Se não nos podemos furtar á coação para o trabalho cultural, tampouco po-

demos escapar ao dominio da maioria por uma minoria, pois as massas são inertes e sem inteligencia, não amam a renuncia de cujo carater inevital não se convencem, por argumentos; e ademais, os individuos que as compõem se estimulam reciprocamente, no desenfreado abandono aos proprios impulsos. Só pela influencia de individuos melhor dotados, a quem reconhecem como dirigentes, podem as massas ser movidas no sentido das atividades do trabalho e no das renuncias, que umas e outras asseguram a estabilidade da civilização. Tudo vai bem, quando esses dirigentes possuem uma prudente compreensão das necessidades da vida e sabem elevar-se, no dominio dos seus proprios desejos impulsivos. Mas persiste para eles o perigo de que, para não perderem a influencia, mais concedam ás massas do que estas lh'o fazem; e por isso parece necessario que se tornem independentes delas, por disposições relativas aos meios de autorida-

de. Para ser mais breve, tem o homem duas propriedades largamente espalhadas, por culpa das quais as instituições culturais só podem ser conservadas, graças a certa soma de coação e os individuos não encontram espontaneamente prazer no trabalho, de nada valendo argumentos, contra os seus sofrimentos.

Bem sei o que se pode opôr a tais asserções. Dir-se-á que o caracter aqui descrito das massas humanas, que justifica a irremissibilidade da coação, já é por si mesmo consequencia de instituições culturais defeituosas, graças ás quais os homens se tornaram irritados, vingativos, inabordaveis. Novas gerações, criadas com amor e no encarecimento do pensamento, tendo experimentado precocemente os beneficios da civilização, ganharão tambem uma relação nova para com ela e a sentirão como propriedade sua; elas estarão aptas ao sacrificio de trabalho e liberação de impulsos necessarios

para a sua conservação. Estarão capazes de furtar-se á coação e pouco se diferençarão dos seus dirigentes. Se até hoje ainda não nos foi dado encontrar em qualquer civilização uma coletividade com tais qualidades, segue-se daí que nenhuma civilização ainda encontrou as diretivas que possam influir dessa maneira sobre o homem e isso desde a sua infancia.

Pode-se assim duvidar de que, em geral, ou pelo menos agora, ante a presente situação do nosso dominio sobre a natureza, seja possivel estabelecer tais diretivas culturais; poder-se-á perguntar de onde virá a série de dirigentes prudentissimos, serenissimos, desinteressadissimos que possam agir como educadores das futuras gerações; e bem nos podemos amedrontar ante o gasto em coação, que será inevitavel, até a realização desses designios. Não se pode contestar a grandiosidade desse plano, nem a sua significação para o futuro da civilização humana.

Da observação psicológica se depreende que o homem é dotado daquelas variadas disposições impulsivas a que deram direção conveniente os fatos remotos da infancia. Os limites da educabilidade do homem traçam assim tambem as fronteiras aos efeitos dessa transformação cultural. Pode-se ainda lançar duvida sobre se, e em que medida, outro meio cultural chegará a apagar as duas qualidades da coletividade humana que tornam tão dificil dirigir os interesses da nossa especie. A experiencia ainda não foi feita. E' verossimil que certa percentagem da humanidade — por disposições morbidas ou por superabundancia de força impulsiva — venha a ficar sempre associal; mas quando se tenha chegado ao estado em que a atual maioria hostil á civilização seja reduzida a uma minoria, ter-se-á conseguido muito, talvez tudo quanto seja possivel conseguir.

Eu não quizera suscitar a impressão de me haver transviado para longe do cami-

nro préviamente traçado ás minhas pesquizas. Devo, por isso, asseverar expressamente que está longe de mim decidir da grande experimentação cultural que se está fazendo presentemente na vasta região entre a Europa e a Asia. Nem tenho o conhecimento dos fatos nem a capacidade de julgar da exequibilidade do plano, meter á prova a adequação dos metodos aplicados ou medir a inevitavel lacuna entre os designios e a execução. O que se está ali preparando escapa, por incompleto, á observação de quem dispõe do material oferecido pela nossa longamente consolidada civilização.

II

Deslisámos, inopinadamente, do económico para o psicológico. A principio, fomos tentado a buscar o acervo da civilização nos dons accessiveis e nas instituições para a sua partilha. Partindo do conhecimento de que toda civilização repousa sobre a coação ao trabalho e sobre a renuncia aos impulsos, e de que, daí surge uma inevitavel oposição entre os atingidos por essas contingencias, tornar-se-ia claro que os dons mesmos, assim como os meios para a sua aquisição e disposição para a sua partilha não podiam ser o essencial nem o unico, na civilização.

E' que eles estão sob a ameaça do levante e do impeto de destruição dos partícipes da civilização. Junto aos dons vêm os meios, que podem servir para a defesa da civilização — os meios de coação e outros que podem reconciliar os homens com ela e compensar-lhes os sacrifícios. Por fim, pode ainda ser descrito o acervo psíquico da civilização.

Para conformidade de expressão, chamaremos renuncia ao fato de não poder ser libertado um impulso; proibição, á instituição que firma essa renuncia; e privação, á condição derivada dessa proibição. A questão a seguir é a diferença entre as privações que atingem a todos e as que nem a todos atingem, sejam a grupos, a classes ou mesmo a individuos. As primeiras são as mais antigas; com as proibições que as instituem conseguiu a civilização libertar-se da primitiva condição animal, desde não se sabe quantos milhares de anos. Com espan-

to encontramo-las ainda e sempre em vigor, formando, ainda e sempre, o nucleo da hostilidade para com a civilização. Os desejos impulsivos, que elas refreiam, nascem novamente, com o nascer de cada criança; ha uma classe de individuos, os neuróticos, que reagem sempre com associalidade, a essas renúncias. Tais desejos impulsivos são os do incesto, do canibalismo e do prazer de matar. Parece singular que tais desejos, sobre cuja destruição toda a gente está de acordo, sejam citados ao lado daqueles outros para cujo consentimento ou renuncia tão vivamente se tem lutado em a nossa civilização; mas, psicológicamente, estamos autorizado a faze-lo. No entanto, a atitude civilizada contra esses velhos desejos impulsivos não é absolutamente, a mesma, para todos eles; só o canibalismo se demonstra proibido a todos e, para a observação não não analítica, inteiramente vencido; a força do desejo de incesto pode ainda lobrigar-se

através da proibição que o fere; e o homicidio, em determinadas circunstancias, ainda é usado, até mesmo ordenado, em a nossa civilização. E' possivel que se nos deparem estados evolutivos da civilização, em que outras satisfações de desejos, ainda hoje permitidas, venham a parecer tão inaceitaveis quanto nos é atualmente o canibalismo.

Já a respeito dessas antiquissimas renuncias a impulsos ha a considerar um fator psicologico que conserva a sua significação para todas as demais renuncias. Não é certo que a alma humana, desde os tempos mais remotos não tenha sofrido qualquer evolução e que, ao contrario dos progressos da ciencia e da técnica, seja ainda a nossa alma a mesma que nos primordios da historia. Podemos aqui verificar um desses progressos psíquicos. Na marcha da nossa evolução, dá-se que as coações externas são pouco a pouco interiorizadas, havendo uma instancia psíquica especial, o Super-Ego hu-

mano, que as incorpora entre os seus mandamentos. Cada criança nos demonstra o processo de tais transformações, graças ás quais se torna moral e social. Esse fortalecimento do Super-Ego é uma aquisição psicologica, altamente valiosa, da civilização. As pessoas nas quais esse fenomeno se concluiu tornam-se, de inimigos da civilização, em esteios dela. Quanto maior é o seu numero num circulo cultural, tanto mais segura é essa civilização e tanto melhor escapa ela aos meios externos de coação. Apenas, a medida dessa interiorização é diversa para cada uma das proibições que tocam os impulsos. Para aquelas arcaicas exigencias da civilização, a que aludimos, já se tem conseguido acentuada interiorização, se deixarmos de lado as involuntarias exceções dos neuroticos. A relação é diversa, no que respeita a outras disposições impulsivas. Nota-se, então, com espanto e cuidado, que um numero consideravel de individuos só

obedecem a essas restrições culturais, sob a pressão da coação e isso mesmo apenas onde ela se pode tornar efetiva e enquanto é para temer. O mesmo se dá com as chamadas exigencias morais da civilização, determinadas igualmente para todos. Aqui se aplica a maior parte dos fatos que a experiencia nos demonstra ;quanto á pouca confiança na moralidade dos individuos. Por fim. muitos homens civilizados, que recuariam de pavor ante o homicidio ou o incesto, não se furtam á exteriorização da cubiça, da agressividade, dos gozos sexuais e não desdenham lesar os outros pela mentira, pela fraude, pela calúnia, quando podem passar impunes; e sempre assim foi desde muitas épocas de civilização.

Quanto ás restrições que dizem respeito apenas a determinadas classes sociais, deparam-se-nos relações grosseiras e nunca reconhecidas. Não é surpresa que essas classes desprezadas invejem aos preferidos os

seus privilegios e tudo façam para evitar a privação dos seus proprios bens. Quando não é isto possivel, desenvolve-se certa soma duravel de insatisfação no meio civilizado e esta pode dar logar a perigosos levantes. Quando, porem, uma civilização admite que a satisfação de certo numero de individuos presupõe a opressão sobre outros, talvez a maioria — e esse é o caso geral da civilização atual — é compreensivel que os oprimidos desenvolvam contra a civilização uma hostilidade intensa, que lhes permita, pelo trabalho, adquirir uma pequena parte dos dons culturais. Assim, não é de esperar que os oprimidos interiorizem as proibições da civilização; antes não estão eles aptos a reconhecer tais proibições e se esforçam por destruir a propria civilização, suprimindo-lhe até, eventualmente, os propósitos. A hostilidade á cultura é tão patente nessas classes, que tem feito ser desprezada a antiga hostilidade latente das classes sociais melhor

aquinhoadas. Não é preciso dizer que uma civilização que deixa insatisfeito tão grande numero dos seus participantes e os arrasta á revolta, nem é de esperar que possa ser duavel, nem o merece.

A soma de interiorização das normas culturais — ou, em linguagem vulgar, não psicologica: o nivel moral dos individuos — não é o unico bem psíquico que merece considerado para a dignidade de uma civilização. Ao lado delas há o que esta possua de ideiais e de criações artísticas, isto é, a satisfação que de uns e outras pode ser tirada.

Podemo-nos sentir levemente inclinados a atribuir ao acervo psíquico de uma civilização os seus ideais, isto é, os valores que representem as suas atividades mais elevadas e representativas de maior esforço. Parece-nos ainda que esses ideais houvessem de determinar as atividades de um ciclo cultural; o fato real deve ser, porem, que os ideais se formam segundo as primeiras ati-

vidades que se tornaram possiveis pelo efeito combinado dos dotes internos e das relações externas de uma civilização e que essas primeiras atividades só podem ser firmadas pelo ideal e pela continuação da ação. A satisfação permitida pelo ideal aos partícipes de uma civilização é assim de natureza narcísica; repousa sobre o orgulho pela atividade já bem sucedida. Para ser completa, precisa da comparação com outras civilizações que se hajam lançado em atividades outras e hajam desenvolvido outros ideais. Graças a essas diferenças irrogou-se cada civilização o direito de menosprezar as demais. Dessa maneira, os ideais culturais se transformam em motivos para dissenção e hostilidade entre varios circulos de cultura, tal como se vê muito claramente, entre nações.

A satisfação narcísica baseada no ideal cultural pertence tambem a aquelas forças

que se antepõem eficientemente á hostilidade contra a civilização, dentro dos circulos culturais. Não sómente as classes preferidas, que gozam dos beneficios dessa civilização, mas tambem os oprimidos podem tomar parte nessa satisfação, por isso que o direito de desprezar os estranhos ao meio cultural lhes compensa o dano sofrido dentro do proprio meio. O individuo é, em verdade, um plebeu miseravel, atormentado de impostos e serviços de guerra; mas no entanto é cidadão romano e tem a sua parte no exercicio de dominar outras nações e ditar-lhe leis. Essa identificação dos oprimidos com as classes que os dominam e exploram é, porém, apenas uma parte de um conjunto maior. Por outro lado, aqueles podem estar ligados afetivamente a estas e, embora a hostilidade, poderão enxergar no seu senhor o seu ideal. Se isso não reconhece por base relações de satisfação de impulsos, não poderemos compreender como tantas civiliza-

ções puderam subsistir, a despeito da hostilidade de tão grandes massas humanas.

De outra especie é a satisfação garantida pela arte aos partícipes de um circulo cultural, se bem que, em regra, fique ela inacessivel ás massas de quem se exige um trabalho estafante e que não gozaram de qualquer educação pessoal. Conforme desde muito já temos compreendido, oferece a arte satisfações substitutivas para as renuncias culturais mais antigas e sempre mais profundamente sentidas e dessa maneira serve mais do que outro qualquer meio, para a compensação dos sacrificios correspondentes a tais renuncias. Por outro lado, as suas criações exaltam os sentimentos de identificação de que tanto precisa qualquer circulo cultural; e o fazem dando oportunidade a sensações experimentadas em comum e altamente encarecidas; mas tambem servem elas como satisfação narcísica, por isso que representam as atividades de determinada ci-

vilização e indicam de maneira grandemente expressiva os ideais da respectiva cultura.

A parte talvez mais significativa do inventario psíquico de uma civilização ainda não mereceu aqui qualquer menção. São as suas representações religiosas, no sentido mais lato, ou, por outras palavras que adiante justificaremos, as suas ilusões.

III

Em que consiste o valor especial das representações religiosas?

Já falámos da hostilidade á civilização, fenómeno derivado da pressão que esta exerce, da renuncia a impulsos, que ela exige. Imagine alguem que houvessem sido suprimidas as suas proibições: havia de escolher para seu objeto sexual qualquer mulher que lhe aprouvesse; mataria, sem hesitação, quem lhe fosse rival ante a mulher ou quem se lhe interpuzesse, de qualquer forma, no caminho; poderia tirar a outrem qualquer dos seus bens, sem lhe pedir per-

missão para tanto — que belo encadeamento de satisfações seria então a vida! Apenas encontraria logo a primeira dificuldade. Qualquer outro teria tambem os mesmos desejos que eu e não havia de tratar-me com mais reservas do que eu a êle. De fato, só um individuo pode ser irrestritamente feliz, por essa abolição das restrições culturais: um tirano, um ditador que tenha chamado a si todos os elementos de poder e que, por seu lado, tem todo o motivo para querer que os outros obedeçam, pelo menos, a este mandamento da civilização: não matarás.

Mas quão ingrato e principalmente quão imprudente é o esforço pela abolição da civilização! O que resta, sem ela, é o estado de natureza, muito mais dificil de ser suportado. E' certo que a natureza não exige de nós qualquer restrição dos impulsos, antes no-los consente; mas tem ela tambem a sua maneira eficaz de restringir-nos e mata-nos, fria, cruel, implacavel, que tal

nos parece, exatamente pelos motivos mesmos das nossas satisfações. E é propriamente contra esses perigos com que nos ameaça a natureza, que nos congregámos e construimos a civilização, que, entre outras cousas, nos torna possivel a vida em comum. E' assim o mistér principal da civilização, a sua propria base essencial o defender-nos contra a natureza.

E' sabido que em muitos pontos, atualmente, já ela é razoavelmente bem sucedida nesse mistér e de certo ainda muito melhor o será, de futuro. Mas ninguem se ilude, para crer que a natureza já esteja dominada; poucos são os que ousam esperar que venha ela um dia a ser completamente submetida ao homem. Tais são os elementos que parece escarnecerem de qualquer coação humana — a terra, que treme e se fende, sepultando os homens e a sua obra, a agua, que em alvoroço tudo inunda e submerge, a tempestade que tudo varre com o sopro e

mais ainda as molestias que só recentemente sabemos reconhecer como agressões de outros seres vivos e, finalmente, o doloroso enigma da morte, contra a qual, até hoje, ainda não se encontrou mézinha e é verossimil que nunca possa ser encontrada. Com tais violencias se nos contrapõe a Natureza, grandiosa, cruel, inexoravel; remete-nos antes os olhos aquela nossa fragilidade e desamparo que julgavamos estar escapos, pelo trabalho da civilização. Uma das mais agradaveis e elevadas impressões que se pode ter da humanidade é a que se tem quando, diante de uma catástrofe primaria, ela esquece todas as confusões da sua civilização, todas as dificuldade e hostilidades internas e se lembra dos graves deveres da propria conservação, contra o poder superior da Natureza.

Tal como para a humanidade, como um todo, assim tambem para o individuo a vida é dura de ser suportada. Uma parte

de privação de gozos lhe é imposta pela civilização de que ele participa; uma porção de sofrimentos lhe é preparada pelos outros homens, quer a despeito das normas culturais, quer em consequencia da imperfeição da propria Cultura. A isso se ajunta o que de prejuizo lhe causa a natureza indomada — ao que ele chama destino. Um estado contínuo de angústia de espera e uma grave lesão do narcisismo natural deviam ser o resultado dessa condição. Como reage o individuo contra as ofensas causadas pelos outros e pela civilização — já o sabemos: ele desenvolve uma soma proporcional de resistencia contra as instituições culturais; é a hostilidade contra a civilização. Mas como pôr-se em guarda contra o poder superior da Natureza, do Destino, que o ameaça, tal como aos demais?

A civilização exonera-o dessa tarefa, cuidando dela, a respeito de todos, de igual maneira; e é digno de nota que todas as ci-

vilizações façam o mesmo e tão pouco nesse terreno. Nem um instante se detém ela em cumprir esse dever de defender o homem, das agressões da natureza; apenas, prorroga esse dever, por outros meios. A tarefa é multipla: o sentimento individual de si proprio, gravemente ameaçado, exige consolação; os pavores devem ser subtraídos ao mundo e á vida; além disso, a curiosidade de saber, impelida evidentemente pelo mais forte interesse prático, deve ter uma resposta.

Com o primeiro passo, já muito se tem conseguido; e esse é a humanização da natureza. Contra as forças impessoais e contra o destino, nada pode o homem; ficamlhe eles eternamente estranhos. Mas se nos elementos tumultuam as paixões, tal como na alma individual, se a propria morte não é espontanea, mas representa a violencia de uma vontade malévola, se temos, em a natureza, por toda a parte, seres varios, em volta de nós, tais como os conhecemos em

a nossa propria comunidade, então podemos respirar: sentimo-nos naturalmente, em meio ao sobrenatural (1) e podemos elaborar psíquicamente a nossa angustia incompreendida. Estaremos ainda indefesos, mas não mais paralisados, no desamparo; podemos, ao menos, reagir; talvez nem mesmo estejamos indefesos e possamos aplicar, contra esses violentos super-homens, os mesmos meios de que usamos em o nosso grupo: podemos tentar exconjurá-los, aplacá-los, corrompê-los, roubando-lhes, por essas influencias, uma parte do seu poder. Essa substituição de uma ciencia natural pela psicologia, não só consegue imediato alívio, mas ainda mostra o caminho para um dominio ulterior da situação.

Ademais, a situação não é nada nova: tem o seu protótipo infantil; é apenas, pro-

---

(1) ...*heimisch im Unheimlichen*, no original: em casa, em meio ao sinistro. O trocadilho é intraduzivel, como tal. NOTA DO TRADUTOR.

priamente, a continuação da primitiva, pois que já nos havíamos encontrado antes nesse mesmo desamparo, como criança pequena. ante o casal dos pais; e a estes, principalmente ao pai, tinhamos razão para temer. embora certos da sua proteção contra os perigos que então conhecíamos. Temos assim que comparar as duas situações, entre si. Tal como no trâmite do sonho, vem aqui á baila o desejo. Um anelo de morte ocorre ao dormente e o lançará no túmulo; mas o processo do sonho sabe selecionar as condições em que a idéa temida deva transformar-se em cumprimento da vontade: o sonhador vê-se dentro de um antigo túmulo etrusco. onde descerá, contente, para satisfazer os seus interesses de arqueólogo. De modo semelhante, o homem, não faz das forças naturais simples seres humanos, com quem possa tratar de igual para igual, o que não corresponderia á impressão de poder superior destas, mas dá-lhes, ainda, um caráter

paternal, transforma-as em deuses, segundo um protótipo, não apenas infantil, mas tambem filogenético, conforme tentei demonstrar.

Com o tempo, são feitas sobre os fenómenos naturais as primeiras observações de submissão á regra e á lei e as forças da natureza perdem, assim os traços humanos. Mas persiste o desamparo do homem e com elle o anseio por um pai e pelos deuses. Os deuses conservam o seu trplice papel: o de eliminar os pavores da natureza, o de operar a conciliação com a crueldade do destino. principalmente na eventualidade da morte e o de compensar ao homem os seus sofrimentos e privações, que lhe advêm da vida coletiva, na civilização.

Mas, pouco a pouco se desloca o acento, nessas atividades. Começa-se a notar que os fenómenos naturais derivam uns dos outros, segundo necessidades internas; são os deuses, de certo, os senhores da natureza;

eles a formaram assim e podem então entregá-la a si mesma. Só ocasionalmente interferem eles no curso dos fenómenos, pelo chamado milagre, como que para assegurar que em nada renunciaram á sua originaria esfera de poder. Quanto á distribuição dos destinos, persiste a incómoda convicção de que nada pode vir em auxilio da perplexidade e do desamparo da espécie humana. A isso renunciam os proprios deuses; ainda quando forjem eles proprios o destino, devese considerar insondável a sua decisão; aos povos mais bem dotados da antiguidade detinha-os a concepção de que a *Moira* estava acima dos deuses e que estes mesmos tinham o seu destino. E quanto mais se torna autónoma a natureza e os deuses recuam do seu dominio, tanto mais sériamente se lançam as esperanças sobre o terceiro papel cometido ás divindades e tanto mais a moral se torna a sua esfera. Então, o dever dos deuses passa a ser o compôr as carencias e os danos da

civilização, cuidar das maguas que os homens infligem uns aos outros, na vida em comùm, velar pelo cumprimento das normas civilizadas, a que os individuos tão mal se submetem. A essas proprias normas culturais é assinalada uma origem divina; elas estão elevadas acima da comunidade humana e se estendem aos fatos da natureza e do mundo.

Assim se forma um conjunto de representações, nascidas da necessidade de tornar suportavel o desamparo humano e construidas do material de reminiscencias do desamparo da infancia individual e da infancia da especie. E' facil de reconhecer que essa propriedade protege o homem em dois sentidos: ante os perigos da natureza e do destino e ante os danos causados pela propria comunidade humana. Em conjunto, vale dizer: a vida neste mundo serve a uma finalidade mais alta, que não é facil de decifrar, mas que de certo significa um aperfeiçoamento

do ser humano. E' de crer que o objeto dessa elevação e dessa exaltação seja a parte espiritual do homem, a alma, que tão vagarosamente e a custa de tantos esforços se tem separado do corpo. Tudo o que acontece por si só, neste mundo, é a execução dos designios de uma inteligencia que se nos sobrepõe e que, embora por meios e modos dificeis de acompanhar, tudo dirige, afinal para o bem, isto é, para o nosso gozo. Sobre cada um de nós vela uma providencia, só em aparencia severa e que não permite que sejamos joguetes das forças naturais superpotentes e implacaveis; a propria morte não é, absolutamente, um aniquilamento, uma volta ao estado anorganico sem vida, mas sim o começo de uma nova especie de existencia, que nos leva ao caminho de uma evolução mais alta. Por outro lado, as proprias leis morais que a nossa civilização instituiu dominam tambem todos os fenómenos do mundo; apenas, são elas protegidas por uma

instancia judicial mais alta, com poder e consequencias incomparavelmente maiores. Todo bem encontra afinal a sua recompensa, como todo mal o seu castigo; e ainda quando não nesta forma da vida, pelo menos nas existencias ulteriores, que começam após a morte. Dessa maneira, todos os pavores, penas e durezas da vida estão destinados a uma compensação; a vida posterior á morte, que prolonga a nossa vida terreal, tal como a parte invisível do espetro se acrescenta á visível, traz-nos toda a conclusão que talvez aqui nos tenha faltado. E a sabedoria superior que dirige essa sequencia, a suprema bondade que daí deriva, a justiça que lhe é inerente — são propriedades dos seres divinos que nos criaram a nós e ao mundo em geral; ou melhor, do ser divino unico em que se condensaram, para a nossa civilização, todos os deuses dos tempos antigos. O povo a quem primeiro foi dado fazer essa concentração das proprieda-

des divinas tinha não pequeno orgulho desse progresso; libertara o núcleo paterno que anteriormente se ocultava por trás de cada imagem divina; no fundo, era isso uma regressão aos começos historicos da idéa de deus. Agora, que o deus era único, podiam as relações com ele ganhar de novo a intimidade e a intensidade das relações para com o pai. Quem tanto fez pelo pai quizera, porem, ser tambem recompensado, pelo menos ser-lhe o unico filho amado, o povo escolhido. Muito tempo depois, a piedosa America exalta-se na pretenção de ser *"God's own country"*, o que condiz com uma das formas pelas quais o homem venera a divindade.

As representações religiosas, aqui expostas em conjunto, sofreram, naturalmente, uma longa evolução e se ligaram a fases diversas das diversas civilizações. Escolhi uma fase unica desse desenvolvimento, que corresponde talvez á forma final da nossa

civilização branca e cristã. E' facil notar que nem todas as partes desse todo se correspondem igualmente; que nem todas as questões urgentes podem ser respondidas; que a contradita da experiencia atual só dificilmente pode ser posta de parte. Mas, tais como são elas, essas representações — religiosas, no sentido mais lato — são consideradas como o mais precioso bem da civilização, o mais valioso que ela pode oferecer aos seus partícipes; e são tidas em mais alta conta do que todas as artes de arrancar á terra os seus tesouros, de prover a humanidade com a subsistencia ou de dominar as doenças, etc. Os homens dizem não poder suportar a vida, si não ligarem a essas representações o valor que elas exigem. E agora é o momento de perguntar que são essas representações, á luz da psicologia, de onde retiram elas essa alta consideração e, para prosseguir timidamente: qual o seu verdadeiro valor?

IV

Uma pesquiza que continúa, imperturbada, como um monólogo, não é de todo sem perigos. Cede-se facilmente á tentação de pôr de lado idéas que houveram de interrompe-la e ganha-se, em troca, um sentimento de insegurança que ressalta, por fim, como desmedida indecisão. Figuro, por isso, estar diante de um contraditor que acompanhe com desconfiança os meus assertos e de espaço a espaço lhe cederei a palavra.

Ouço-o dizer: "Usastes repetidamente da expressão: a civilização crêa essas representações religiosas; a civilização põe-nas á

disposição dos seus componentes; e parece-me algo estranho; não sei mesmo porque, mas não me parece tão facilmente compreensivel, de que maneira a civilização criou disposições sobre a repartição no encargo do trabalho ou sobre o direito á mulher e ao filho".

Penso, porém, que é justificavel a expressão. Busquei demonstrar que as representações religiosas derivam da mesma necessidade que todas as outras conquistas da civilização: da necessidade de defender-se do premente superpoder da Natureza. A isso se acrece um segundo motivo, a premencia de corrigir as imperfeições, penosamente descobertas, da civilização. E' perfeitamente justo dizer que a civilização entrega aos individuos essas representações, pois que ele já as encontra; elas lhe vêm ao encontro, já prontas e ele não estaria em condições de acha-las sózinho. E' a herança de varias gerações, em cuja posse ele entra e de que se

apodera, como da taboada, da geometria etc. Ha aqui, realmente, uma diferença, mas que se prende a outra questão que ainda não pode ser aqui esclarecida. Quanto ao sentimento de extranheza a que aludirá o contraditor, pode ele derivar de que as representações religiosas costumam ser-nos apresentadas como revelações divinas. Apenas, isso é já uma parte do sistema religioso, o desprezar completamente a conhecida historia da evolução dessas idéas e as suas variedades nas diversas épocas e civilizações.

"Outro ponto que me parece importante, diz o contraditor. Fazeis derivar a humanização da natureza, da necessidade de abolir a perplexidade e o desamparo humanos, ante as forças que o homem teme, assim como da necessidade de pô-lo em relações com estas e de habilitá-lo a influir, finalmente, sobre elas. Mas esse motivo parece supérfluo. O homem primitivo não tem capacidade de escolha do pensamento e não conhece outras

vias para este. É-lhe natural, é-lhe como que inato o projetar o seu proprio ser sobre o mundo, o encarar todos os fatos que observa, como manifestações de seres que, no fundo, são semelhantes a êle mesmo. Esse é o unico método ao seu alcance. E não é, absolutamente, cousa óbvia, antes é notavel coincidencia que lhe seja possivel libertar-se de uma das suas maiores necessidades, pelo simples abandono á sua situação natural".

Não acho isso tão óbvio. Dizeis então que o pensamento humano não reconhece motivo prático algum e que é apenas a expressão de uma curiosidade desinteressada? E' muito pouco de crer. Antes penso que o homem, ainda mesmo quando personifica as forças naturais, segue um protótipo infantil. Ele aprendeu, no contacto com as pessoas do seu meio que, quando entra em relações com estas, nisso encontra o caminho para influir sobre elas; e assim age, mais tarde, no mesmo intuito, para com tudo quanto

encontra, como o fizera a aquelas pessoas. Não contesto, assim, o vosso comentário descritivo; é realmente natural que o homem personalize tudo aquilo em cujo contacto entre e com o fim de exercer o dominio — apodera-se psíquicamente, como preparo para fazê-lo físicamente —; mas atribuo ao mesmo fato o motivo e a génese dessa propriedade do pensamento humano.

"E agora, ainda um terceiro argumento, dirá o contraditor: tratastes já anteriormente da origem da religião, no vosso livro "Totem e Tabú". Mas ali as cousas são encaradas diversamente. Tudo é a relação entre pai e filho; o deus é a exaltação do pai e a saudade do pai é a fonte da necessidade religiosa. Por aí, parece que descobristes o fator da impotencia e do desamparo humanos, a que atribuís em geral o maior papel na formação da religião; e agora atribuís tudo ao desamparo, o que antes era o com-

plexo paterno. Posso indagar da origem dessa mudança?".

Com prazer: estava só á espera dessa objeção. Ainda que seja, realmente, uma mudança. No "Totem e Tabú" não se tratou de explicar a origem da religião, mas apenas a do totemismo. Podereis, partindo de qualquer dos pontos de vista vossos conhecidos, tornar inteligivel o fato de ter sido a de um animal a primeira forma por que se revelou ao homem a divindade protetora? e mais o fato de haver uma proibição de matar esse animal e devorá-lo e mais o costume solene de, ao mesmo tempo, matá-lo e devorá-lo, uma vez por ano? E' o que se encontra, exatamente, no totemismo. E é quasi sem interesse prático discutir se se pode chamar religião ao totemismo. Este tem relações intimas com as ulteriores religiões; os animaes-totems tornam-se mais tarde os animais sagrados dos deuses. E as primeiras restrições morais — as de alcance mais pro-

fundo, ademais — isto é, as proibições do homicídio e do incesto, originam-se da base do totemismo. Quer aceiteis, quer não, as consequencias do "Totem e Tabú", espero havereis de conceder que, naquele livro, uma porção de fatos muito notaveis, porém dispersos, está condensada em um todo consistente.

Quanto á razão por que o deus animal, com o decorrer do tempo, não satisfez e foi substituido por um deus humano, é questão que mal foi abordada no "Totem e Tabú" onde, em geral, não se alude a outros problemas da formação das religiões. Considerareis essas limitações identicas a uma negação? O meu trabalho é um bom exemplo do estrito isolamento do contingente que a observação psicanalítica pode utilizar, para a solução do problema religioso. Se agora busco acrecentar-lhe o outro contingente pouco profundamente oculto, não deveis acusar-me de contradição, como antes

me teriam acusado de unilateralidade. E' naturalmente meu dever mostrar a conexão entre o que disse anteriormente e o que expendo agora, entre os motivos profundos e os motivos manifestos, entre o complexo paterno e o desamparo e necessidade de proteção do homem.

Essas conexões não são dificeis de descobrir. São as relações do desamparo da criança com o desamparo do adulto, continuação da situação infantil; de modo que, como é de esperar, para a psicanálise, os motivos da formação religiosa são as contribuições infantís para os motivos manifestos dessa formação. Transportemo-nos á vida psíquica da criança pequena. Lembrais-vos da escolha do objeto segundo o tipo-arrimo, de que fala a psicanálise? A libido segue o caminho da necessidade narcísica e aplica-se ao objeto que lhe pode permitir a exteriorização de impulsos. Assim, a mãe, que satisfaz a fome, se torna o primeiro objeto de

amor e assim tambem constitue a primeira proteção contra todos os perigos indeterminados com que o ambiente ameaça — a primeira proteção contra a angústia, deviamos dizer.

Nessa função, a mãe é, em breve, substituida pelo pai mais forte, que a exerce então por todo o resto da infancia. As relações com o pai são, porem, cercadas de uma ambivalencia especial. O pai era um perigo, talvez mesmo desde as primitivas relações para com a mãe. Assim é ele não menos temido do que desejado e admirado. Os traços dessa ambivalencia das relações com o pai são profundamente inerentes a todas as religiões, conforme se disse no "Totem e Tabú". Quando, porem, o adulto nota que terá que ficar sempre criança, isto é, que não pode dispensar a proteção ante o poder superior estranho, confere a este os traços da imagem paterna: crêa os deuses, a quem teme, a quem busca conquistar e a quem

transfere o dom de protege-lo. Assim, o motivo relativo á saudade do pai é idéntico ao da necessidade de proteção contra as consequencias da impotencia humana; a defesa do desamparo infantil dá os seus traços caracteristicos á reação ante o desamparo, que o adulto tambem conhece e os dá tambem, assim, á formação da religião. Mas não é nosso intento prosseguir na pesquiza da evolução da idéa de deus; aqui temos que examinar o repositorio já feito, de representações religiosas, tais como a civilização as apresenta ao individuo.

V

Retomando o fio das nossas pesquizas, perguntamos: qual é, pois, a significação psicológica das representações religiosas e como poderemos classificá-las? Logo se vê que a pergunta não é de fácil resposta. Rejeitando várias outras formulas, podemos deter-nos em uma delas: são teses ou afirmações sobre fatos e relações da realidade externa (ou interna), que exprimem algo que o homem não encontrou por si mesmo e que aspiram a merecer fé. Como informem elas sobre questões muito poderosas e interessantes, da vida, são tidas especialmente

em alta conta. Quem delas nada sabe é muito ignorante; quem as recebeu no seu conhecimento deve considerar-se com isso muito enriquecido.

Ha naturalmente varias dessas teses. sobre as cousas mais diversas do mundo. Cada hora de aula etá cheia delas. Escolhamos a geografia. Ali ouvimos: A cidade de Constança fica á margem do lago desse nome. Uma canção estudantina acrecenta: Quem nisto não crer é lá ir e ver (1). Eu, por acaso, lá estive e posso declarar que a bela cidade fica á margem de uma larga massa de agua a que todos os habitantes vizinhos chamam Lago de Constança. Estou assim inteiramente convencido da justeza dessa asserção geográfica. Lembro-me, porém, de outro fato digno de nota. Era eu

---

(1) Konstanz liegt am Bodensee.
Wer's nicht glaubt, geh hin und seh'.

já homem feito, quando estive pela primeira vez no alto da colina da Acrópole ateniense, entre as ruinas do Templo, a olhar o azul do mar. Ao meu sentimento de satisfação misturava-se o de espanto, que teve para mim esta significação: Então, era verdade o que me ensinaram na escola! Quão frouxa e debil fôra a fé que me merecera a verdade ensinada, se deu logar ao espanto que ora sinto! Mas não vale a pena acentuar a significação desse fato; ha ainda outra explicação possivel para o meu espanto, explicação que não me ocorrera então, que é de natureza subjetiva e se prende a particularidades do local.

Assim, essas teses exigem tambem a fé no seu conteúdo, mas não sem fundamentar o motivo dessa exigencia. Apresentam-se como o resultado resumido de um processo ideativo longo, baseado em observações e decerto tambem em conclusões decorrentes; a quem queira realizar por si esse processo, em

vez de acceitar o seu resultado, está indicado o caminho para fazê-lo.

Isso será sempre acrecentado, para todas as asserções sobre aquilo de que temos conhecimento; e se o não temos, o fato afirmado deve ser tido por óbvio, tal como sucede com as asserções geográficas. Assim, por exemplo, a terra tem a forma de uma esfera; como prova disso, podem ser aduzidas as experiencias do péndulo de Foucault, a mudança do horizonte, a possibilidade de circunnavegar o globo. Mas como todos os interessados compreendem que é impossivel mandar viajar em volta do mundo todos os alunos das escolas, decidimo-nos a deixar que aceitem os ensinamentos escolares com fundamento na "fé e lealdade"; mas sabem todos que fica aberto o caminho ás verificações pessoais.

Busquemos submeter á mesma medida as teses religiosas. Se perguntarmos em que se baseia a sua aspiração a merecer fé, rece-

beremos tres respostas que se ajustam singularmente mal. Primeiro: merecem fé porque já os nossos avoengos lhe davam tal fé; em segundo logar, temos provas que já nos foram dadas desde aqueles tempos primitivos; em terceiro logar, é absolutamente proibido fazer indagações sobre matéria de fé. Essa ousadia era antigamente motivo para os mais severos castigos e ainda hoje a sociedade vê com maus olhos que alguem a reproduza.

Esse terceiro ponto deve despertar as nossas mais graves reflexões. Tal proibição só pode ter tido um motivo e é que a sociedade reconhece muito bem a insegurança desse seu anseio pelo inabalável da fé. Se fôsse de outro modo, seria francamente posto á disposição de qualquer o material para a comprovação. Quanto ás outras duas bases aventadas para prova, despertam-nos uma desconfiança facil de de monstrar. Devemos crer, porque os nossos avoengos creram.

Mas aqueles nossos antepassados eram muito mais ignorantes do que nós; eles creram em cousas que nos seria impossivel aceitar hoje. E' bem possivel que as teses religiosas fossem tambem dessa especie. As provas que eles nos legaram estão expressas em escritos que trazem em si todos os caracteres das cousas que não merecem confiança. São contraditorios, emendados, falsificados; quando se referem a testemunhos reais, são incriveis. Não adianta muito apelar para a revelação divina, para explicar-lhes o sentido das palavras ou siquer o conteúdo destas; pois que essa afirmação já é, por si mesma, uma parte daquela tese cuja credibilidade deve ser perquirida; e não ha texto que prove a si proprio.

Chegamos assim á conclusão singular de que exatamente as noções do nosso acervo cultural que poderiam ter a maior significação para nós, isto é, exatamente aquelas a que cabe decifrar-nos o enigma do mundo

e conciliar-nos com as penas da vida — sejam exatamente essas as que nos merecem a menor confiança. Não nos poderiamos decidir a crer dessa maneira em outro qualquer fato, ademais indiferente para nós, tal como que a baleia pare os filhos, em vez de pôr ovos, se não nos fôsse dada a possibilidade de comprová-lo.

Esse estado de cousas é em si mesmo um problema digno de nota. Ademais ninguem pudera julgar que as considerações acima, sobre a impossibilidade de prova em materia religiosa seja algo de novo. Essa impossibilidade foi percebida em todos os tempos, decerto até mesmo entre os nossos antepassados primitivos, que nos deixaram esse legado. E' verossimil que a varios deles os tenha ocupado a mesma dúvida que a nós outros; mas essa duvida lhes deve ter causado uma impressão demasiado forte para que eles ousassem revelá-la. E desde então. inúmeros individuos têm sido atormentados

pela mesma dúvida que quizeram reprimir, quando se julgaram obrigados a crer; e desde então, muitos intelectos brilhantes naufragaram nesse conflito e muitos caracteres padeceram da chaga dos acordos em que buscaram saída.

Se todas as provas que se podem aduzir para a credibilidade dos dogmas religiosos derivam do passado, ocorre verificar se se o presente, sobre o qual melhor podemos julgar, poderá tambem fornecer-nos essas provas. Se nos fôsse dado, por esse meio, eliminar a dúvida sobre uma parte, apenas, do sistema religioso, então houvera ganho extraordinariamente o todo, quanto á sua credibilidade. Aqui entra a atividade dos espiritistas, convencidos da persistencia da alma individual e a querer demonstrar indubitavelmente uma asserção dos ensinamentos religiosos. Não conseguem eles, porém, contestar que os fenómenos e manifestações dos seus "espiritos" são apenas produtos da sua

própria atividade psíquica. Têm citado os espíritos dos maiores homens, dos mais eminentes pensadores; mas todas as manifestações e informações que deles foram colhidas são tão ingenuas, tão desesperadamente vazias que apenas se pode julgar admissivel a capacidade desses espíritos, de adaptar-se ao circulo de individuos que os invocam.

Podemos refletir agora sobre duas tentativas que nos dão a impressão de um esforço espasmódico para fugir ao problema: a primeira, de natureza muito violenta; a outra, sutíl e moderna. A primeira é o *Credo quia absurdum,* do doutor da Igreja. Isso quer significar que os ensinamentos religiosos são conceitos que escapam á razão, que estão acima da razão. Pode-se intimamente pressentir-lhes a verdade; não é preciso compreende-la. Apenas, esse *Credo,* como confissão de si mesmo, é interessante; como ato de autoridade, não envolve obrigação. Estarei eu obrigado a crer em todos os absur-

dos? Se não, porque o estarei exatamente a respeito desse? Não ha instancia alguma acima da razão. Se a doutrina religiosa está na dependencia de um fato intimo que testemunha essa verdade, que fazer dos muitos individuos em quem não existe esse fato íntimo? Pode-se exigir de todos que apliquem os dados da razão, tais como os possuem; mas não se pode generalizar a todos um dever baseado sobre um motivo que só existe para poucos. Se alguem, num estado profundo de êxtase, adquiriu a convicção inabalável sobre a verdade real do dogma religioso, que significação pode isso ter para os demais individuos?

A segunda tentativa é o da filosofia do "como si" (*als ob*). Ela sustenta que, em nossa atividade ideativa, existem varias suposições cuja fundamentação e cujo absurdo, igualmente, plenamente reconhecemos. São tidas como ficções; mas, por multiplos motivos práticos, nós nos comporta-

mos "como si" crêssemos nessas ficções. Isso se aplica ao dogma religioso, por causa do seu incomparavel valor para a manutenção da sociedade humana (1). Essa argumentação não está muito longe do *Credo quia absurdum*. Mas penso que a asserção do "como si" é dessas que só um filósofo pode sustentar. O individuo que não tenha o pensamento influenciado pela arte da fisolofia não poderá acceitar esses argumentos; para ele, tudo isso se reduz á concessão do absurdo e do irracional. Ele não pode conformarse com renunciar, justamente na gestão dos seus interesses mais serios, a aquelas certezas que exige para todas as atividades habituais.

(1) Espero não cometer erro, apresentando aos filósofos do "Als ob" uma opinião que não é estranha a outros pensadores (Cf. H. VAIHINGER — *Die Philosophie des Als ob* — 7.ª e 8.ª edições, 1922, pag. 68) : "Do terreno da ficção derivamos, não só operações indiferentes, teóricas, mas ainda figuras de conceito imaginadas pelos homens mais nobres e das quais depende a parte nobre da humanidade, que não se furta a tais conceitos. Não queremos fazer o mesmo: como *ficção prática*, deixemos ficar tudo isso; como *verdade teórica*, porém, tudo isso se desfaz".

Lembro-me agora de um dos meus filhos que se revelou precocemente por um acento especial de positividade. Como contassem ás crianças uma historia de fadas, que elas escutavam pensativas, interrompeu ele a narração, perguntando: "Essa historia é verdadeira?" Como lhe respondessem pela negativa, a criança retirou-se, com uma fisionomia de pouco caso. E' de esperar que um dia os homens procedam de maneira semelhante para com os contos religiosos, apesar da intercessão do *Als ob*.

Mas, atualmente, ainda procedem de maneira bem diversa e nos tempos passados, as representações religiosas, apesar da sua indiscutivel carencia de credibilidade, exerceram sobre a humanidade a mais forte influencia. Nisto está um novo problema psicológico. Pode-se perguntar em que consiste a força intima dessas crenças e a que circunstancias devem elas a sua eficiencia, independente do reconhecimento pela razão.

VI

Penso que já estamos suficientemente preparados para a resposta a ambas as perguntas. Ela se nos impõe, quando encaramos a génese psíquica das representações religiosas. Estas, apresentadas como ensinamentos, não são o fruto de experiencia nem o resultado final do raciocinio; são ilusões, são o cumprimento dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade; o segredo da sua força está na força desses desejos. Já sabemos que a pavorosa impressão do desamparo infantil crêa a necessidade de

proteção — proteção por amor — realizada pelo pai; o reconhecimento da continuação desse desamparo, por toda a vida, originou para o homem o apegar-se á existencia de um pai — mas, desta vez, de um pai mais poderoso. Com a bondosa ajuda da providencia divina desvanece-se a angústia ante os perigos da vida; a instituição de uma ordem moral universal assegura a realização do anseio de justiça que tão frequentemente fica insatisfeito, na civilização humana; o prolongamento da existencia terrena por uma vida futura traça a moldura temporal e espacial em que aqueles desejos devem ser cumpridos. As respostas ás perguntas enigmáticas da humana curiosidade de saber — tais como, sobre a origem do mundo e a relação entre o corporal e o anímico — são desenvolvidas dentro das hipóteses desse sistema; representam extraordinario alívio para a psique individual a supressão do conflito nunca inteiramente vencido, na infancia —

o do complexo paterno — e a sua solução por um meio aceito por todos.

Quando digo que isso são ilusões, é preciso limitar a significação da palavra. Uma ilusão não é o mesmo que um erro; não é necessariamente um erro. A opinião de Aristóteles, de que os cevandijas nasceram da imundicie, idéa que o povo ainda conserva — era um erro; assim tambem o conceito vigente na passada geração médica, de que a *tabes doralis* derivasse de esgotamento sexual. Por outro lado, era uma ilusão de Colombo o ter descoberto um novo caminho marítimo para as Indias. A participação da vontade nesse erro é bem flagrante. Como ilusão pode apontar-se a asserção de certos nacionalistas, de que a raça indo-germanica seja a única capaz de cultura ou a crença, destruida pela psicanálise, de que a criança seja um ente sem sexualidade. E' caracteristico da ilusão o derivar ela da vontade humana, no que se aproxima da

idéa delirante, da psiquiatria, embora se distinga dessa idéa, além do mais, pela complexa construção desta. Na idéa delirante consideramos essencial a contradição com a verdade; a ilusão pode não ser necessariamente falsa, isto é, irrealizavel ou em contradição com a realidade. Uma menina burguesa pode ter, por exemplo, a ilusão de que vai chegar um principe, que a levará para sua casa. E' cousa possivel; alguns fatos dessa especie têm sucedido. Mas que venha um dia um Messias e que seja fundada uma Idade de Ouro, já é muito menos verossímil; conforme a sua situação pessoal, cada um poderá julgar essas crenças como ilusão ou como análogas a uma idéa delirante. Exemplos de ilusões que se tenham tornado verdades não são, ademais, fáceis de encontrar; mas a ilusão dos adquimistas, de poder transmutar todos os metais em ouro poderia ser bem uma delas. O desejo de ter muito ouro, tanto ouro quanto possivel está hoje

muito abafado pelo moderno ponto de vista sobre as condições da riqueza; no entanto, a química já não julga impossivel uma transmutação dos metais em ouro. Assim chamamos a uma fé uma ilusão, por isso que na sua motivação ha recalcada a satisfação de um desejo, ha a abstração das relações com a verdade e, tal como na ilusão, a renuncia á comprovação.

Voltemo-nos de novo, segundo essa orientação, para as teses religiosas; teremos de repetir: são ilusões complexas, incomprováveis; ninguem pode ser obrigado a te-las como verdade, a crer nelas. Algumas são tão inverossímeis, estão em tal contradição com tudo o que penosamente temos aprendido na realidade do mundo, que — com as devidas restrições da diversidade psicologica — pode-se equipara-las ás ideas delirantes. Sobre o valor de realidade da maioria delas não se pode decidir. Por isso que incomprováveis, tão tambem incontrastáveis. Sabemos

muito pouco para criticar-lhes os pormenores com argumentos contrários. Os enigmas do mundo só lentamente se desvendam ás nossas pesquizas; a ciencia, ainda hoje, não sabe dar resposta a várias questões. O trabalho científico é, porém, para nós, o único caminho que nos pode conduzir ao conhecimento da realidade. E' igualmente ilusão esperar algo da intuição e da introjecção; ela não pode dar-nos mais do que conclusões dificilmente interpretáveis sobre a nossa propria vida psíquica; nunca informações sobre as questões cuja solução os ensinamentos religiosos tornam tão fáceis. A propria disposição para deixar preencher a lacuna e considerar como mais ou menos aceitavel esta ou aquela parte do sistema religioso — - seria criminosa. Quanto a isso, essas questões são demasiado significativas — poder-se-ia dizer: demasiado sagradas.

Neste passo, poderia ser levantada esta objeção: Então, se os proprios cépticos

mais emperrados admitem que as asserções da religião não são refutaveis pelo entendimento, por que não devo crêr nelas, se têm por si tantos elementos, a tradição, o consenso dos homens e toda a consolação do seu conteúdo ? Sim; por que não ? Assim como ninguem é coagido a crêr, tambem ninguem o é, a não crêr. Mas que ninguem seja induzido no engano de que, com tais fundamentos, segue o caminho do pensamento correto. Se cabe algures a palavra "escapatória", este é o logar de emprega-la. A ignorancia é a ignorancia; não deriva dela qualquer direito de crêr em algo. Nenhum homem razoavel agirá tão levianamente a respeito de outras cousas nem com tão miseraveis fundamentos se satisfará com o seu juizo, com a sua parcialidade; só a respeito das cousas mais elevadas e sagradas se permite ele assim proceder. Em verdade, são apenas esforços para mistificar a si mesmo ou aos outros, pois que ficamos presos ain-

da á religião, muito tempo depois de nos havermos desligado dela. Quando se trata de questões de religião, os homens tornam-se culpados de toda a falta possivel de sinceridade e de todas as maldades intelectuais. Os filósofos transmudam a significação das palavras, até que estas mal conservem o seu sentido original. Chamam Deus a qualquer abstração confusa que arranjaram e são assim, perante o mundo, deístas, crentes em Deus e podem gabar-se de ter criado um conceito mais elevado, mais puro, de Deus; embora o seu Deus seja apenas uma sombra sem essencia, não mais a personalidade poderosa dos ensinamentos religiosos. Os críticos teimam em considerar "profundamente religioso" um homem que reconhece em si mesmo o sentimento da pequenez humana, diante da vastidão do mundo; embora esse sentimento não constitua a essencia da religiosidade, que está no passo imediato, na reação que vem em socorro desse

sentimento. Quem não vai além, quem se decide humildemente pelo fútil papel do homem na grandeza do mundo, esse é preferentemente irreligioso, no sentido verdadeiro da palavra.

Não está no plano destas pesquizas encarar o valor de verdade das teses religiosas. Basta-nos have-las reconhecido, na sua natureza psicologica, como ilusões. Mas não devemos ocultar que essa descoberta influe poderosamente sobre a nossa situação quanto á questão que para alguns parece ser a mais importante. Sabemos por acaso em que épocas foram criados os conceitos religiosos e que homens o fizeram. Se descobrirmos por que motivos tal aconteceu, o nosso ponto de vista quanto ao problema religioso sofrerá notavel deslocamento. Digamo-lo — seria decerto muito belo que houvesse um deus criador do mundo e providencia bondosa, que houvesse uma ordem moral universal e um *além*, depois da vida; mas é con-

tudo bem estranho que tudo isso seja tal qual o pudéramos desejar. E seria ainda mais singular que os nossos pobres, ignorantes e nada livres avoengos tivessem tido a ventura da solução de todos esses graves enigmas do mundo.

VII

Reconhecendo nós que as doutrinas religiosas são ilusões, levanta-se imediatamente esta outra questão, a saber, se tambem o nosso patrimonio cultural, que tanto exaltamos e pelo qual deixamos que seja dominada a nossa vida, não será de natureza semelhante; se os postulados que regulam as nossas instituições de Estado não devem ser tambem tidos como ilusões; se as relações dos sexos, em a nossa civilização, não são perturbadas por uma ilusão erótica, ou por uma série delas. Uma vez despertada a nossa desconfiança, não nos atemori-

zará tampouco a pergunta — se a nossa convicção de poder apreender algo da realidade exterior pela aplicação da observação e do pensamento, no trabalho científico, terá acaso melhores bases. Nada nos deve impedir de aprovar a aplicação da observação ao nosso proprio ser e a utilização do pensamento para a sua propria crítica. Abre-se aqui logar para uma série de indagações, cujo êxito devêra ser decisivo para a construção de um "conceito do Universo" (Weltanschauung). Estimamos tambem que tal esforço não seja malbaratado e que, pelo menos, possa justificar a nossa suspeita. Mas a capacidade do autor recusa-se a um trabalho tão vasto e ele se sente obrigado a restringir a sua tarefa á perquirição de uma, apenas, dessas ilusões, exatamente a religiosa.

A alta voz do nosso contendor para, nesse ponto. Vamos ser chamado a contas. pelo nosso ato proíbido. Diz-nos ele:

"São decerto dignos de louvor os interesses arqueológicos; mas ninguem empreende uma excavação, se esta importa o soterramento das moradas dos vivos, pois que estas se desmoronariam, sepultando os homens sob as ruinas. As doutrinas religiosas não são terreno sobre o qual possamos esculdrinhar, como sobre outro qualquer. A nossa civilização está construida sobre esse terreno; a conservação da sociedade humana tem por pressuposto que os homens, na sua grande maioria, tenham fé na verdade dessas doutrinas. Se aprendermos que não existe um Deus todo poderoso e todo justiceiro, que não ha ordem divina no mundo e não ha vida futura, então nos sentiremos desobrigados de todo o dever de obediencia ás normas civilizadas. Cada um, irrefreado, sem temor, buscará seguir os seus impulsos, pôr em jogo a sua força; recomeçará o Cáos que tinhamos abolido em muitos milenios do trabalho da civilização. Ainda quando

soubessemos e pudessemos provar que a religião não esteja de posse da verdade, deviamos calar-nos e portar-nos tal como exige a filosofia do *Als ob*. No interesse da conservação de todos ! E ainda que queiramos abstrair o perigo dessa empresa, é ela tambem uma crueldade sem finalidade. Inúmeros indivíduos encontram na doutrina religiosa a sua unica consolação e só com esse auxilio podem suportar a vida. Tirar-lhes-iamos esse arrimo e não teriamos outra cousa melhor, para dar-lhes, em troca. Tem-se sustentado que naquele tempo a ciencia não realizara grande cousa; mas, ainda quando ela houvesse progredido muito mais, não seria bastante para a humanidade. O homem tem ainda outras necessidades imperiosas, que não podem ser satisfeitas pela ciencia fria; e é muito singular, é mesmo o cúmulo da inconsequencia, que um psicólogo que sempre acentuou o quanto, na vida humana, a inteligencia cede o passo aos impulsos, que

esse mesmo psicólogo venha agora esforçar-se para roubar ao homem uma preciosa satisfação de desejos e queira compensa-la com valores intelectuais".

São muitas acusações, de uma vez! Mas eu estou preparado para contradita-las e ademais sustentarei ainda que significará maior perigo para a nossa civilização o conservar as suas atuais relações com a religião, do que seria o perde-las. Agora, mal sei como começar a sustentação da minha tese.

Talvez, com a asserção de que, por mim, considero a minha empresa inteiramente inócua e não perigosa. Não sou eu, desta vez, quem dá a primazia á inteligencia. Se os homens são tais como os descrevem os meus adversários — e não posso contesta-lo — não ha perigo de que um crente piedoso, vencido pelos meus argumentos, venha a perder a sua fé. Além disso, eu nada disse que já não houvesse sido sustentado, antes de mim, por outros homens,

melhores, mais integros, mais fortes e mais expressivos. Os nomes desses homens são conhecidos; não os citarei; nem quero despertar a aparencia de que eu queira incluir-me na sua série. O que apenas fiz — é a unica cousa nova, na minha exposição — foi ajuntar alguma base psicológica á crítica dos meus grandes predecessores. Que esse acrécimo possa vir a ter o efeito que não ganharam as afirmações anteriores — é pouco de esperar. De certo me poderiam perguntar para que, então, escrever tais cousas, quando se está convencido de que não produzirão efeito. Mas sobre isso voltaremos mais tarde.

O unico a quem estas divulgações poderão fazr mal sou eu mesmo. Terei de ouvir as objurgatorias menos amaveis contra a superficialidade, a estreiteza, a falta de idealismo e de entendimento quanto aos mais altos interesses da humanidade. Mas, por um lado, essas admoestações não são

novas para mim e por outro lado, a quem, desde a mocidade se expoz ao desagrado dos contemporaneos, que lhe pode advir na velhice, quando está certo de que em breve tempo terá e escapar aos favores e aos desfavores do mundo? Nos tempos antigos, era diferente; pois com essas manifestações tinha-se a certeza de encurtar a propria vida terrena e apressar a oportunidade de fazer experiencias sobre a vida do além. Mas, repitamos, esses tempos passaram e hoje esses escrevinhados nem para o autor representam perigo; principalmente porque o seu livro, em um ou outro paiz, não será traduzido nem divulgado e naturalmente isso se dará exatamente em um paiz que sente o alto grau da sua propria cultura. Mas tambem, quem pleiteia principalmente a renúncia dos desejos e a submissão ao destino, deve saber suportar esses danos.

Ocorre-me então perguntar se a divulgação deste trabalho não poderá, no entan-

to, causar mal a alguem; decerto pode causá-lo, não a alguma pessoa, mas a um objeto — o objeto da Psicanálise. Não se pode negar que a Psicanálise é criação minha e que ela tem sido alvo de desconfiança e malquerença copiosas; se agora dou curso a tão pouco estimaveis manifestações, dou bastante aso ao deslocamento de afetos, da minha pessoa para a Psicanálise. Agora, começa-se a ver — dir-se-á — até onde leva a Psicanálise; a máscara caiu; é a negação de Deus e do ideal moral, tal como sempre o havíamos suspeitado. Para impedir que o descobrisssemos, tinham-nos mistificado: a Psicanálise não inclue nenhum conceito do universo nem pode construir cousa alguma nesse teireno.

Esse clamor ser-me-á decerto desagradavel, por causa de muitos dos meus colaboradores, varios dos quais não partilham a minha situação em face do problema religioso. Mas a Psicanálise já tem atravessado

muitos temporais; não ha por que furtá-la a mais este. Em verdade, é a Psicanálise um método de pesquiza, um instrumento imparcial, algo como o cálculo infinitesimal. Se um físico, com o auxilio deste, pudesse chegar á conclusão de que a terra, em determinada época, havia de ser destruída, poderia alguem pensar em atribuir ao cálculo tendencias destruidoras e em desprezá-lo, por esse motivo. Tudo quanto aqui tenho dito quanto ao valor de verdade das religiões não pertence á Psicanálise: já antes dela fôra dito por outros. Se da aplicação dos metodos psicanalíticos se pode tirar novos argumentos contra o conteúdo de verdade da religião, *tant pis* para a religião; mas os defensores da religião, podem, com o mesmo direito, servir-se da Psicanálise, para encarecer a significação afetiva dos ensinamentos religiosos.

Agora, continuando a defesa: a religião tem realmente prestado grandes serviços

á civilização humana; tem contribuido muito para refrear os impulsos associais — mas não o bastante. Durante muitos milénios, tem dominado a sociedade humana: já teve tempo suficiente para mostrar de que é capaz. Se lhe fôsse dado tornar feliz a maioria dos homens, consola-la, conforma-la com a vida, transforma-la em portadora da cultura, então não ocorreria a ninguem esforçar-se pela modificação das relações vigentes. Que vemos, em logar disso? Que um numero horrivelmente grande de individuos se mostram insatisfeitos com a civilização e infelizes dentro dela; que a recebem como um jugo que é preciso arremessar dos ombros; que esses individuos, ou aplicam todas as forças para uma transformação da civilização ou vão tão longe na sua hostilidade ás normas culturais, que nada querem saber, nem delas, nem principalmente das restrições que elas impõem aos impulsos. Objetar-nos-ão que esse fato deriva de per-

der a religião parte de sua influencia sobre as massas humanas, exatamente pelo deploravel efeito do progresso da ciencia. Tomamos nota desse argumento e dos seus fundamentos e deles nos serviremos mais tarde para nosso proveito; mas a objeção, em si, é frágil.

E' duvidoso se, no tempo do domínio irrestrito das doutrinas religiosas, eram os homens, em geral, mais felizes; de certo não eram mais morais. Sempre consideraram muito dispensaveis as normas religiosas e daí o frustrarem os objetivos destas. Os sacerdotes, a quem incumbia velar pela obediencia á religião vieram-lhes de encontro. A bondade de Deus devia vir em auxilio da sua justiça. Pecava-se e então levava-se oferendas ou fazia-se penitencia e assim se estava livre para pecar de novo. A natureza interiorizada dos Russos chegou á conclusão de que os pecados são indispensaveis para se poder gozar de todas as bem-aventuranças da

graça divina e assim era o pecado, no fundo, uma obra agradavel a Deus. E' notorio que os sacerdotes só podiam manter a sujeição das massas á religião, fazendo tão grandes concessões á natureza impulsiva dos homens. Daí a conclusão: Só Deus é forte e bom; o homem, porém, é fraco e pecador. Em todos os tempos, a imoralidade encontrou na religião apoios não menores do que a moralidade. Se não são melhores as capacidades da religião para a felicidade dos homens, a sua faculdade de civilização e a sua restrição moral, ocorre-nos perguntar se não exageramos a necessidade da religião para a humanidade e se obramos com prudencia, baseando sobre ela os anelos da nossa cultura.

Consideremos a inegavel situação do tempo presente. Ouvimos o argumento de que a religião já não tem sobre os homens a mesma influencia que dantes (trata-se da civilização cristã-européa); mas não por-

que as promessas da religião sejam menores e sim porque os homens parecem menos crédulos. Admitamos que o motivo dessa mudança está no fortalecimento do espírito científico nas camadas superiores da sociedade humana; (talvez não seja o único motivo). A crítica corroeu o valor de prova dos documentos religiosos; as ciencias naturais demonstraram-lhes os erros do contexto; á pesquiza comparada revelou-se a fatal semelhança das representações religiosas que veneramos, com as produções espirituais dos povos e épocas primitivos.

O espírito científico cria uma maneira determinada de encarar as cousas deste mundo; diante dos fatos da religião êle se detém por um pouco, hesita e por fim transpõe o limiar. Nesse processo, não ha demora; quanto maior o número de individuos a quem se tornam accessiveis os tesouros do nosso conhecimento, tanto mais se espalha o desmoronamento da fé religiosa, a princi-

pio quanto ás exterioridades sediças e chocantes, depois tambem quanto aos dogmas fundamentais. Os Americanos, que levaram a cabo o processo dos macacos, em Dayton, mostraram-se apenas consequentes. A inevitavel tranzição se passa, ademais, através de imperfeições e vacilações.

Dos homens cultos e dos trabalhadores do espirito pouco deve temer a civilização. A substituição dos motivos religiosos, para o comportamento civilizado, por outros motivos mundanos passou-se neles sem rumor e em grande parte são eles mesmos fatores de civilização. Outrotanto não se passa com a grande multidão dos iletrados e oprimidos que têm todo o fundamento para serem inimigos da civilização. Enquanto estes não percebem que já não se crê em Deus, tudo vai bem. Mas eles o percebem, infalivelmente, ainda que este meu trabalho não seja publicado. E êles estão prontos a aceitar os resultados do pensamento científico, sem

que hajam sofrido a transformação que o pensamento científico determina nos indivíduos. O perigo não estará em que a hostilidade que essas massas opõem á civilização se venha apoiar nos pontos fracos que hajam reconhecido na sua coagente dominadora? Se só não matamos o próximo porque o Deus amado o proibiu e o crime será expiado severamente nesta ou em outra vida, mas se se vem a saber que não ha Deus amado nenhum e que não ha que temer pelo castigo — então decerto matamos sem hesitação o próximo e só nos poderemos deter ante o poder terreno dos homens. Então, só nos resta ou a repressão mais severa dessas perigosas massas, a mais cuidadosa interdição de todas as oportunidades do despertar do espirito, ou ainda a revisão fundamentada das relações entre a civilização e a religião.

VIII

Poder-se-ia dizer que a realização desta ultima hipótese não apresenta dificuldade especial. E' justo que renunciemos a alguma cousa; mas ganha-se talvez mais e evita-se um grande perigo. Mas ha quem tenha medo disso, como se dessa forma ficasse exposta a civilização a um perigo ainda maior. Quando São Bonifacio derribou a árvore venerada pelos Saxões como sagrada, esperaram os circunstantes um acontecimento terrivel, como consequencia do crime. Nada aconteceu e os Saxões receberam o batismo.

Quando a civilização estabeleceu o mandamento de não matar o próximo a quem odiamos, a quem encontramos no nosso caminho ou cujos haveres cobiçamos, isso se dá, claramente, no interesse da vida humana coletiva, que sem isso fôra irrealizavel; pois o homicida atrairia sobre si a vingança dos parentes da sua vítima e despertaria a inveja dos outros que demonstram igualmente tendencias intimas para a mesma violencia. Assim, não gozaria ele por muito tempo as vantagens do seu roubo ou da sua vingança, antes estaria na iminencia de vir tambem a ser trucidado. Ainda que, por extraordinaria força e precaução se pudesse proteger contra o adversario individual, havia contudo de sucumbir ante a união dos mais fracos; e se tal união não houvesse, o homicidio se repoduziria sem fim e o resultado seria que os homens se destruiriam mutuamente. Seria, entre os individuos, o mesmo que ainda hoje continua a acontecer

na Córsega, entre famílias e por toda a parte, entre nações. O perigo da insegurança da vida, igual para todos, dispõe então o homem para uma comunidade que proíba matar o próximo e conserve para si mesma o direito da matança; em geral, violando a proibição. A isso se chama Justiça e Pena.

Essa fundamentação racional da proibição de matar não é, porém, a geralmente admitida; sustenta-se, antes, que Deus determinou a proibição; atrevemo-nos a indagar dos seus designios e achamos que êle também não quer que os homens se destruam uns aos outros. Assim procedendo, vestimos a proibição cultural com uma solenidade muito especial e com isso nos arriscamos a tornar dependente da fé em Deus a obediencia á proibição. Recuando desse passo, desde que não mais deferimos nossa vontade a Deus e nos satisfazemos com os fundamentos sociais, teremos decerto renunciado a aquela explicação da proibição cultural,

mas teremos tambem evitado os prejuizos dessa explicação. Ganhamos, porém, com isso, mais alguma cousa: por uma especie de difusão ou infecção, o carácter de santidade, de invulnerabilidade, de "ultra-mundanidade" (1) — poder-se-ia dizer — se estendeu, de algumas e poucas proibições para todas as demais instituições, leis e organizações da civilização. Estas, porém, frequentemente suportam mal essa aparencia de santidade; não só porque umas ás outras se contrapõem, demonstrando, no espaço e no tempo, diferenças extremas, mas tambem porque possuem todos os sinais da insuficiencia humana. E' facil reconhecer-lhes o que pode apenas ser produto de uma inquietação imprevidente, ou manifestação de interesse estreito ou ainda consequencia de pressupostos sem alcance. A crítica que se pode fazer-lhes degrada involuntariamente o

(1) *Jenseitigkeit*, no original. NOTA DO TRADUTOR.

respeito de grande numero de outras normas culturais melhor justificadas. Como seria melindroso distinguir o que Deus mesmo ordenou e o que deriva, antes da autoridade de um parlamento todo poderoso ou de um alto magistrado, seria de incontestavel vantagem deixar Deus fóra dessas cogitações, e admitir honrosamente a pura origem humana de todas as normas e instituições culturais. Com a quéda daquela santidade alegada, cairiam tambem a rigidez e a imutabilidade dos mandamentos e leis. Os homens poderiam compreender que estes foram feitos, não sómente para o dominio sobre os individuos, mas tambem e principalmente para servir aos interesses destes; haveriam de encarar com mais amor essas normas e adotar como programa a melhora delas, em vez da sua abolição. Seria isso um progresso valioso no sentido de conciliar o homem com à civilização que o oprime.

Temos de interromper agora, com uma reflexão, o nosso pleito em favor de uma fundamentação racional das normas culturais e pela sua dependencia das necessidades sociais. Tinhamos escolhido como exemplo a origem da proibição do homicídio. Corresponderia a nossa exposição á verdade histórica? Tememos que não; que pareça ser apenas uma construção racionalista. Já estudámos exatamente esse problema da historia da civilização, com o auxilio da Psicanálise; e apoiado nesses nossos esforços, devemos dizer que a verdade é outra. Os puros motivos racionais pouco conseguem. ainda hoje, contra os impulsos passionais; e quão mais impotentes não haviam de ser aqueles motivos, naquele animal humano dos tempos prehistoricos! Talvez ainda hoje se entrematassem, irrefreados, os homens, se entre aqueles homicidios não tivesse havido um, o homicídio do pai primitivo, que houvesse evocado uma inevitavel reação afetiva,

prenhe de consequencias. Desta deriva o mandamento "não matarás", que, no totemismo, se restringiu ao totem, substituto do pai e mais tarde se estendeu a outras representações; e ainda hoje, sem exceção, não se extinguiu.

Mas aquele pai prehistorico, segundo argumentos que não me cabe aqui reproduzir, foi o protótipo do deus, o modelo pelo qual as gerações ulteriores formaram a imagem divina. Assim, tem razão a tese religiosa: Deus participara, na verdade, da origem daquela proibição, instituida por sua influencia e não pela verificação de uma necessidade social. A transferencia da vontade humana a Deus é justificada; os homens sabiam que haviam eliminado violentamente o pai; e a reação despertada pelo crime determinou-lhes o respeitar daí por diante a vontade paterna. A doutrina religiosa nos communica assim a verdade histórica, embora com certa deformação e

disfarce; a nossa exposição racional, porém, nega essa verdade.

Notamos agora que o acervo das representações religiosas encerra, não sómente a satisfação de desejos, mas tambem reminicencias históricas. Que incomparavel soma de poder não confere á religião esse efeito conjunto de passado e futuro! Mas talvez caiba aqui, por analogia, ainda outro exame. Não é bom deslocar conceitos do terreno em que eles surgiram; mas devemos dar margem ás conclusões análogas. Sabemos que a criança só pode sofrer a sua evolução para a civilização através de uma fase, ora mais, ora menos patente, de neurose. Daí resulta que a criança não póde reprimir as suas tendencias, mas, antes, tem de refreálas por atos de recalcamento, por trás dos quais, em regra, está um motivo de angústia. A maior parte dessas neuroses infantís é espontaneamente vencida durante o desenvolvimento; as neuroses coactas da infancia,

especialmente, têm esse destino; o que resta deve ser mais tarde abolido pelo tratamento psicanalítico. De modo semelhante poder-se-ia aceitar que a humanidade, como um todo, no seu desenvolvimento secular, chegue a condições analogas á neurose e decerto pelos mesmos motivos que a criança; pois que, nas épocas primitivas de ignorancia e fraqueza intelectual, só por forças puramente afetivas poderia operar a renúncia aos impulsos, inevitavel na vida em comum. Os resíduos dos processos anteriores análogos a recalcamentos ficaram por muito tempo, assim, inerentes á civilização. A religião fôra a neurose coacta geral, da humanidade; tal como na criança, deriva ela do complexo de Édipo, das relações com o pai. Segundo essa concepção, seria de prevêr que o abandono da religião devêra cumprir-se com a inexorabilidade fatal de um processo de crecimento e que nos encontramos agora, exatamente, nessa fase da evolução.

A nossa conduta deve, então, nortear-se pelo padrão de um educador conciente que não contesta um novo fenómeno que se lhe apresente, mas antes busca dirigi-lo e obviar a violencia da sua irrupção. A essencia da religião, entretanto, não fica diminuida, com essa analogia. Se, de um lado ela traz restrições coagentes, como só se dá na neurose coacta individual, por outro lado encerra ela um sistema de ilusões desejadas, com a negação da verdade, tal como só podemos encontrar em uma *amentia,* uma confusão mental jovial, alucinatória. Isso são apenas comparações, com as quais buscamos entender o fenómeno social; a patologia individual não nos dá nenhum elemento perfeito de cotejo, para isso.

Já por várias vezes tem sido acentuado (por mim e especialmente por *Th. Reik*) em que pormenores podemos acompanhar a analogia entre a religião e a neurose coacta e quanto, por esse meio, se pode compreen-

der, das singularidades e destinos das formações religiosas. Com isso concorda o fato de estar o crente piedoso protegido em alto grau contra o perigo de certos sofrimentos neuróticos: a aceitação da neurose geral isenta-o do dever de formar uma neurose individual.

O reconhecimento do valor histórico de certas doutrinas religiosas exalta o nosso respeito por elas, mas não tira o valor ao nosso propósito de referi-los aos motivos das normas culturais. Pelo contrario! Com o auxilio desses resíduos históricos, as concepções das doutrinas religiosas aparecem-nos como *reliquats* analógicamente neuróticos; e então devemos dizer que é tempo, provavelmente, de substituir as consequencias do recalcamento pelos dados do trabalho espiritual racional, tal como o fazemos no tratamento analítico das neuroses. Que por esse trabalho de reforma e não pela renúncia á glorificação solene das normas

culturais, virá a dar-se uma revisão geral dessas normas, que importará a abolição de várias delas — tal será de prevêr, mas pouco de lastimar. O dever que se nos depara, de conciliar o homem com a civilização será largamente cumprido, por esse meio. A renúncia á verdade histórica, em favor dos motivos racionais das normas culturais não nos causará dano, As verdades contidas nas doutrinas religiosas estão de tal maneira disfarçadas e desfiguradas, que a massa humana já não pode reconhece-las como verdades. Dá-se fato análogo, quando contamos ás crianças que a cegonha traz os recem-nascidos; assim dizendo, exprimimos a verdade com um disfarce simbólico, pois que sabemos o que significa a grande ave. Mas a criança não o sabe; aprende apenas a parte correspondente ao disfarce; julga-se enganada; e bem sabemos nós quão frequentemente as suas desconfianças para com os adultos e a sua atitude de contradição reconhecem

como origem aquele fato. Chegámos á convicção de que é melhor abandonar a narração dessas mistificações simbólicas da verdade e não recusar á criança o conhecimento das relações reais, adaptado ao grau da sua inteligencia.

IX

"Vós vos permitís contradições que dificilmente se poderão conciliar — tal me dirão os contrários. Começais por dizer que um trabalho como o vosso é inteiramente isento de perigo. Ninguem deixaria que lhe roubassem a fé religiosa, com tais argumentos. Mas, desde que é vossa intenção perturbar essa fé, conforme se colige mais adiante, poder-se-á perguntar: por que então publicar esse trabalho? Em outro logar, concedeis que possa tornar-se perigoso e deveras muito perigoso o verificar alguem que já não mais cré em Deus; até então, era dócil

e agora põe de lado qualquer obediencia ás normas culturais. O vosso argumento, de que o basear os motivos dos mandamentos culturais na religião representa um perigo para a civilização, repousa no pressuposto de que o crente possa vir a tornar-se descrente, o que é uma contradição completa.

"Outra contradição está em admitirdes que o homem não possa ser dirigido por meio da inteligencia; que ele seria dominado pelas proprias paixões e desejos impulsivos; e por outro lado em propordes a substituição dos fundamentos afetivos da obediencia cultural, por fatores racionais. Entenda-o quem puder; a mim me parece que deve ser ou uma ou a outra cousa.

"Ademais, nada vos ensinou a história? Essa tentativa de buscar substituir a religião pela razão já uma vez foi feita, oficialmente e em grande estilo. Lembrais-vos da Revolução Francesa e de Ropespierre?

Tambem, a experiencia teve vida curta e consequencias lamentaveis. O fato se reproduz agora na Russia; não nos move a curiosidade de saber como se sairão dele. Não achais que deviamos admitir que o homem não pode dispensar a religião?

"Vós mesmo dissestes que a religião é mais do que uma neurose coacta; mas não tratastes desse outro lado da religião; bastavos tratar da analogia com a neurose. De uma neurose devemos libertar o homem; e o que com isso se possa perder, não vos incomoda".

E respondo: A aparencia da contradição deriva, provavelmente, de ter eu tratado de questões complexas, muito rapidamente. Uma cousa é preciso repetir: sustento ainda e sempre que o meu trabalho, a certo respeito, é sem perigo. Nenhum crente se deixará desviar da sua fé, por esses ou análogos argumentos. O crente tem certa ligação afetiva com o conteúdo da religião. Ha decerto

inúmeros outros que não são crentes, no mesmo sentido. São obedientes ás normas da civilização, porque se deixam engodar pelas ameaças da religião e temem-na enquanto a consideram uma parte da realidade que os restringe. Esses são os que rompem, tão cedo tenham de negar á fé o valor de realidade e quanto a eles, não valem argumentos. Cessam de temer a religião, quando percebem que outros tambem não a temem; e a respeito deles sustentei que compreenderiam o declínio da influencia religiosa, ainda que o meu trabalho não fosse publicado.

Penso, entretanto, que os meus adversarios dão mais valor á outra contradição que me atribuem. Os homens são bem pouco acessiveis aos argumentos da razão; e seriam inteiramente dominados pelos desejos impulsivos. Porque então havemos de negar-lhes a satisfação dos impulsos e substitui-la por argumentos racionais? Os homens são,

realmente, assim; mas, já lhes perguntastes se devem ser assim, se a sua natureza íntima os obriga a ser assim? Poderá algum antropologista dar o indice craniano de um povo que tem o costume de deformar, desde cedo, com enfaixamentos, a cabecinha dos filhos? Pensemos no contraste desconcertante entre a inteligencia brilhante de uma criança sadia e a fraqueza mental do adulto médio. Seria então inteiramente impossivel que justamente a educação religiosa fosse, em grande parte, culpada desse relativo retardamento evolutivo? Penso que uma criança, não influenciada por educação especial, muito haveria de custar a formar idéas sobre Deus e sobre as cousas do Além. Talvez essas idéas houvessem de seguir os mesmos trâmites que os percorridos pelos seus avoengos primitivos; mas ninguem costuma esperar por essa evolução, antes se dá á criança o ensinamento religioso, numa época em que nem ela tem interesse por tal cousa, nem pos-

sue a capacidade para compreender-lhe o alcance. Adiamento da evolução sexual e precocidade na influencia religiosa — tais são os dous pontos capitais do programa da moderna pedagogia, não é verdade? Assim, quando o pensamento da criança desperta, as doutrinas religiosas já se lhe tornaram incompreensiveis. Achareis, porém, que é urgente, para o fortalecimento da função de pensar que se lhe cerre esse terreno tão significativo, com a ameaça das penas do inferno? Quanto a esse que acaso se persuadiu de que devia aceitar sem crítica todos os absurdos comunicados pelas doutrinas religiosas e até mesmo fazer vista grossa quanto ás contradições aí existentes — não nos devemos admirar muito da sua fraqueza mental. Ora, não temos, porém, outro meio para dominar a nossa impulsividade, a não ser a nossa inteligencia. Como se pode esperar, de pessoas submetidas ao dominio da proibição de pensar, que venham a alcançar

o ideal psicológico, o primado da inteligencia? Bem sabeis que se atribue, em geral, ás mulheres, a chamada "inferioridade mental fisiológica", isto é, uma inteligencia menor do que a dos homens. O fato é, por si mesmo, discutivel, de interpretação duvidosa mas existe um argumento para provar a natureza secundaria dessa limitação evolutiva: as mulheres sofrem a dureza da proibição precoce de aplicar o pensamento sobre aquilo que mais as interessa, principalmente sobre os problemas da vida sexual. Enquanto influirem sobre os verdes anos do homem, além das inhibições sexuais, do pensamento, as inibições religiosas e as de fidelidade, destas derivadas, não poderemos decidir, a esse respeito, onde esteja a verdade.

Moderarei, porém, o meu zelo e admitirei a possibilidade de estar eu tambem a correr empós de uma ilusão. Talvez não seja tão severo quanto o digo o efeito da proibição religiosa de pensar; talvez se possa ve-

rificar que a natureza humana ficará a mesma, ainda quando não se malbarate a educação, submetendo-a á religião. Não o sei e ninguem o sabe, tambem. Não sómente os grandes problemas desta vida parecem atualmente insolúveis, mas ainda, ha varias pequenas questões de dificil decisão. Mas hão de confessar que aqui se justifica uma esperança no futuro: que talvez seja um tesouro que enriquecerá a civilização e que compensará o esforço empregado, o fazer a tentativa de empreender uma educação irreligiosa. Se a tentativa resultar insatisfatoria, estarei pronto a desistir da reforma e a voltar ao primitivo juizo, puramente descritivo: o homem é um ser de inteligencia muito debil, que vem a ser dominado pelos seus proprios desejos impulsivos.

Em outro ponto estou plenamente de acordo com os meus contraditores: é decerto imprudente começar por abolir a religião violentamente e de um golpe; primeiro, porque

seria desesperador; o crente não deixa que lhe tirem a fé, nem com argumentos, nem com proibições. Quem, durante decenios, usou de drogas para dormir, naturalmente não poderá dormir, se lhe tiram as drogas. Que o efeito da consolação religiosa pode ser comparado ao de um narcótico, corrobora-o lindamente um fato ocorrido na America. Ali — claramente pela influencia do domínio feminino — tiram agora aos individuos os meios de excitação, embriaguez e prazer e saciam-nos, em troca, com o temor de Deus. Mas quanto ao êxito dessa experimentação, não vale a pena ser curioso.

Já estou em oposição, porém, ao meu contraditor, quando diz, a seguir, que o homem, em geral, não dispensará o consolo da ilusão religiosa, que sem esta, não poderá suportar o peso da vida, a cruel verdade. Sim; assim será o homem a quem, desde a infancia, ministrastes o doce (ou doce-amargo) veneno. Mas o outro, que foi criado abste-

mio ? Talvez aquele que não sofra da neurose não precise de qualquer intoxicação, para entorpecer-se. Decerto ha de o homem acharse em sittuação mais dificil; terá de reconhecer o seu inteiro desamparo, a sua pequenez, ante o maquinismo do mundo; não mais será o ponto central da Criação, nem o objeto de cuidados carinhosos de uma Providencia bondosa. Estará na mesma situação que uma criança que abandonasse a casa paterna onde tudo era tão quente e tão cómodo. Mas, não é a verdade que o infantilismo está destinado a ser vencido ? O homem não pode ficar eternamente criança; terá afinal que vir para fóra, para a "vida hostil". Deve chamar-se a isso a "educação para a realidade"; é preciso ainda dizer que o unico designio deste meu trabalho é chamar a atenção para a necessidade deste passo ?

Temeis, realmente, que o homem não suporte a rude prova ? Ora, deixai que sempre tenhamos esperança. Já vale alguma cou-

sa saber a gente que pode contar com as suas proprias forças; aprende, então, a servir-se delas. O homem não está de todo sem meios de amparo; a sua ciencia muito lhe tem ensinado, desde os tempos do dilúvio e ha de aumentar-lhe ainda o poder; e quanto ás grandes necessidades fatais, para as quais não existe amparo, ele aprenderá bem a suportá-las com resignação. De que lhe serve a mistificação de possuir na lua um latifundio, de cujo rendimento nunca ninguem viu cousa alguma ? Como pequeno camponez honrado, neste mundo, saberá melhor ele cultivar a sua gleba, que o nutrirá. Assim, renunciando ás esperanças no Além e concentrando todas as forças libertadas na vida terrena, poderá provavelmente conseguir que essa vida se torne suportavel para todos e que não mais os oprima a civilização. Então, haverá de dizer, sem lastimar-se, com um dos nossos companheiros de descrença:

"Os ceos, abandonámo-los
Aos anjos e aos pardais".

"Parece grandioso ! — continua o contraditor. Uma humanidade que renunciou a todas as ilusões e assim se tornou capaz de acomodar-se suportavelmente sobre a terra ! Eu, porém, não posso suportar as vossas esperanças. Não porque seja um obstinado reacionario, como talvez me julgueis; mas por discernimento. Penso apenas que trocámos os papeis: sois vós o entusiasta, que se deixa arrastar por ilusões e eu sigo o aviso da razão, do direito, do cepticimo. O que haveis exprimido parece-me construido sobre erros a que eu, a exemplo vosso, devo chamar ilusões, pois que traem bem claramente a influencia dos vossos desejos. Alimentais a esperança de que as gerações que não tenham sofrido na infancia a influencia das doutrinas religiosas possam facilmente alcançar o primado da inteligencia sobre a vida impulsiva. E' uma completa ilusão; nesse ponto decisivo, a natureza humana mal poderá mudar. Se não me engano — tão pouco

se sabe sobre as outras civilizações — ha atualmente povos que não se desenvolveram sob a pressão de um sistema religioso e não se aproximam mais do nosso ideal do que outro qualquer. Se quereis abolir da nossa cultura européa a religião, tal só poderá acontecer com a substituição desta por outro sistema de doutrina; e esta tomaria, desde o começo, para sua defesa, todos os caracteres de uma religião: a santidade, a rigidez, a intolerancia, a propria proibição de pensar.

Deveis ter algo dessa especie, para corresponder ás necessidades da educação; pois não podeis renunciar á educação. O caminho é longo, desde o lactente até o homem civilizado; muitos homenzinhos hão de nele transviar-se e não chegar a tempo aos seus deveres na vida, se os abandonardes, sem guia-los, ao desenvolvimento próprio. Os ensinamentos que lhes forem aplicados na educação sempre lhes trarão restrições nos

anos de adulto, da mesma forma porque dizeis que o faz a religião. Não vêdes que o erro congénito da nossa e de todas as civilizações é o de permitir á criança impulsiva e de inteligencia debil discernimentos que só se justificam para a mente amadurecida do adulto ? Outra cousa, porém, não pode ela fazer, em consequencia da pressão conjunta da secular evolução humana sobre um pequeno numero de anos de infancia; e a criança, só por forças afetivas pode ser induzida a apropriar-se dos deveres que lhe cabem. Tais são tambem as intenções do vosso *primado da inteligencia.*

"Assim, continuará o contraditor, não vos admirareis, se pleiteio a conservação do sistema de doutrina religiosa, como base da educação e da vida coletiva humana. E' um problema pratico e não uma questão de valor de realidade. Pois que, no interesse da nossa civilização, não podemos contar com a influencia do individuo, enquanto este não

esteja amadurecido para a civilização, — muitos, em geral, não chegam a amadurecer — pois que somos obrigados a impor aos adultos qualquer sistema de doutrinas que atúem sobre eles como postulados isentos de crítica, parece-me que o sistema religioso é o mais apropriado para esse fim; e naturalmente por causa, mesmo, da sua força de consolação e de satisfação de desejos, em que reconheceis "uma ilusão". Em face das dificuldades de conhecer algo da realidade e tambem da dúvida, se se chegará acaso a conhece-la, não devemos esquecer que tambem as necessidades humanas são uma parte da realidade e decerto uma parte grave, que nos toca bem de perto.

"Outra superioridade da doutrina religiosa está, para mim, em uma das suas propriedades, que achais particularmente chocante. Concedeis uma compreensivel purificação e sublimação ,na qual se apagará a maior parte daquilo que tenha os traços do

pensamento primitivo e infantil. O que resta será um conteúdo de idéas que a ciencia não mais contradiz nem pode contestar, tambem. Essas transformações operadas pela doutrina religiosa e a que chamais imperfeições e acordos permitem evitar a separação entre a massa ignorante e o pensador filósofo e conservam a comunhão entre uma e outro, o que é tão importante para a segurança da civilização. Não é, pois, de temer que o homem do povo venha a perceber que os homens das camadas superiores da sociedade já não crêem em Deus. Assim, penso ter mostrado que o vosso esforço se reduz a substituir uma ilusão experimentada e afetivamente valiosa, por uma outra, não ainda provada e indiferente".

E eu responderei: Não deveis julgar-me inacessivel á vossa crítica. Bem sei quanto é difícil evitar desilusões; talvez as proprias esperanças que reconheço ter sejam de natureza ilusória. Mas existe, em verdade, uma

diferença: as minhas ilusões — sem contar que ninguem é punido, se não as partilhar— não são incorrigiveis, como as religiosas e não têm o caráter delirante. Se a experiencia — não a minha, mas a dos que vierem depois e pensarem como eu — se a experiencia demonstrar que estávamos errados, renunciaremos ás nossas esperanças. Tomai a minha tentativa por aquilo que ela representa. Um psicólogo que não se ilude sobre a dificuldade de orientar-se neste mundo, esforça-se por julgar a evolução da humanidade segundo a experiencia colhida no estudo dos processos psíquicos do individuo, durante o seu desenvolvimento, de criança a adulto. Daí o impôr-se-lhe a concepção de que a religião é comparavel a uma neurose infantil; e ele é bastante optimista para admitir que a humanidade vencerá essa fase neurótica, tal como sucede com varias crianças, a respeito das neuroses análogas. Esses pontos de vista da psicologia do individuo po-

dem ser insuficientes; a transferencia desses fenómenos para a especie humana, em geral, poderá não ser justificavel; o optimismo poderá não ter fundamento; admito todas essas incertezas. Mas ninguem pode furtar-se a dizer o que pensa; e desculpamo-nos dizendo que ninguem dará a esses pensamentos maior valor do que o que valem.

Devo ainda deter-me em dous pontos. Primeiro, a fraqueza da minha posição não importa qualquer fortalecimento da dos meus contraditores. Defendem eles uma causa perdida. Podemos tanta vez acentuar que a inteligencia humana seja sem força, em comparação com a vida impulsiva e teremos razão. Mas nessa fraqueza alguma cousa existe de particular: a voz da inteligencia é debil, mas não descança, enquanto não se faz ouvir. Por fim, depois de inumeras e repetidas repulsas, ela se impõe. Esse é um dos poucos pontos pelos quais devemos ser optimistas, quanto ao futuro da humanidade;

mas em si, representa não pouca cousa; ainda podemos fundar nisso as nossas esperanças. O primado da inteligencia está ainda longe, bem longe, mas não no infinito. E como, presuntivamente, esse primado visará as mesmas finalidades cuja realização esperais do vosso Deus (naturalmente em proporção humana e tanto quanto o permite a realidade externa, a *Anánkê*), a saber, o amor dos homens e a limitação do sofrimento — devemos dizer que o nosso antagonismo é apenas provisório e nunca inconciliavel. Anelamos todos pela mesma cousa, mas vós sois intolerantes, pretenciosos e — por que não dize-lo? — mais egoistas do que eu e os do meu lado. Quereis que a ventura comece imediatamente após a morte; exigís desta o impossivel e não quereis atender aos desejos do individuo. O nosso deus *Lógos* (*) realizará, desses desejos, o que a Natureza

(*) O par de deuses *Logos-Anánkê*, do hollandez MULTATULI.

permita além de nós, mas fa-lo-á a pouco e pouco, em um futuro remoto e para novas gerações. Não nos promete ele uma compensação para nós outros, que tão rudemente sofremos a vida. No caminho para esse alvo distante, as vossas doutrinas religiosas hão de tombar, ainda que as primeiras tentativas sejam frustradas, ainda que se demonstrem inconsistentes as primeiras imagens substitutivas. Sabeis porque: ao fim de certo tempo, nada se pode opôr á razão e á experiencia; e o antagonismo da religião a ambas elas é palpavel. As idéas religiosas mais celebradas não podem escapar a esse destino, por muito que busquem salvar, da consolação da religião. Na verdade, quando vos cingís ao conceito de um ser espiritual mais alto, cujas propriedades são indeterminadas e cujos designios são incognosciveis, pondes-vos fóra do alcance das objeções cientificas e com isso vos abandona o interesse humano.

Em segundo logar: Observais a dife-

rença entre a vossa atitude e a minha, em face da ilusão. Tendes de defender com todas as vossas forças a vossa ilusão; se esta fôr depreciada — e está realmente ameaçada disso — o vosso mundo se desmoronará e nada mais vos ha de restar que o desesperar de tudo, da civilização e do futuro da humanidade. Dessa escravidão estou, estamos livres nós outros; desde que estamos prontos a renunciar a boa parte dos nossos desejos infantís, podemos tolerar que algumas das nossas esperanças nos apareçam como ilusões.

A educação liberta da pressão da doutrina religiosa não mudará talvez em muito a essencia psicológica; o nosso deus *Lógos* talvez não seja todo poderoso e apenas poderá cumprir uma parte do que os seus predecessores prometeram. Se bem posso entender, aceita-lo-emos com resignação. Não perderemos o interesse do mundo e da vida, pois que temos em algo um arrimo que vos falta: cremos que é possivel ao trabalho cien-

tífico conhecer alguma cousa sobre a realidade do mundo, com o que o nosso poder se pode elevar e por onde poderemos dirigir a nossa vida. Se essa crença é uma ilusão, então estaremos na mesma situação que vós; mas a ciencia, por inumeras e significativas consequencias, nos deu a convicção de não ser uma ilusão. Ela tem muitos inimigos declarados e ainda muitos mais encapotados, que não querem reconhecer que ela enfraqueceu a fé religiosa e ameaça destrui-la. Lançam-lhe em rosto quão pouco ela nos tem ensinado e quanto incomparavelmente mais ainda permanece em obscuridade. Mas com isso, esquecem quão nova é ainda ela, quão difíceis lhe foram os começos e quão pequenino o espaço de tempo, desde que a inteligencia humana despertou para o trabalho cientifico. Não estaremos todos errados, em querer basear o nosso juizo sobre tão curto espaço de tempo ? Poderiamos tomar um exemplo aos geólogos. Queixamo-nos da in-

certeza da ciencia; de que esta apresente hoje como lei o que a geração seguinte demonstrará como erro, substituindo-o por outra lei cujo valor tem a mesma curta duração. Mas isso é injusto e em parte falso. As mudanças da opinião científica são progressos; progressos e não derrocadas. Uma lei científica que se reconheceu absolutamente valiosa apresenta-se como caso especial de uma regra mais abrangiva ou vem a ser limitada no seu alcance por outra lei que se vem a descobrir mais tarde. Uma aproximação tôsca da verdade vem a ser substituida por outra mais cuidadosamente adequada, que por sua vez aguarda um aperfeiçoamento ulterior. Em diversos terrenos, ainda não se transpoz uma fase da pesquiza em que se tentam hipoteses que logo têm de ser abandonadas, por inviáveis; em outras, porém, já se atinge a um núcleo certo e quasi imudavel, de conhecimento. Por fim, tem-se tentado desvalorizar radicalmente os esforços

científicos por isso que, ligados ás condições do nosso proprio organismo, não nos podem eles dar mais do que conceitos subjetivos, enquanto a verdadeira natureza das cousas permanece inaccessivel, fóra de nós. Com isso, rejeitam fatores que são decisivos para a concepção do trabalho científico, isto é, que o nosso organismo, o nosso aparelho psíquico se tem mesmo desenvolvido nos esforços pelo conhecimento do mundo exterior; que assim, tem realizado na sua estrutura uma parte de utilidade; que é, ele proprio, uma porção desse mesmo mundo sobre que deve pesquizar e que permite muito bem tais pesquizas; que o dever da ciencia fica bem circunscrito, quando o limitamos ao mostrar como nos deve aparecer o mundo, em relação ás propriedades da nossa organização; que os resultados finais da ciencia, exatamente pela natureza das suas aquisições, não estão condicionados apenas pelo nosso organismo, mas tambem por

aquilo que agiu sobre o nosso organismo; e, por fim, que o problema de uma condição do mundo, sem a referencia ao nosso aparelho psíquico de percepção, é uma abstração vazia, sem interesse prático.

Não. A nossa Ciencia não é ilusão alguma. Ilusão seria, porém, crer que pudessemos obter em outra qualquer fonte aquilo que a Ciencia não nos pode dar.

INDICE

Prof. S. FREUD

O FUTURO DE UMA ILLUSÃO

Psicanalise das Religiões

EDITO
GU NAB A
RI

BIBLIOTECA de CULTURA SCIENTIFICA

Dirigida pelo Prof. AFRANIO PEIXOTO

SOCIOLOGIA - POLITICA

PROF. S. FREUD

O FUTURO DE UMA ILLUSÃO

PSICANALISE DAS RELIGIÕES

EDITORA GUANABARA